

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

O Impacto do Divórcio nas Crianças e Adolescentes
Consequências Psicológicas

SILMARA DOS SANTOS ROCHA BIANCHESSI

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
(Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica)

Coimbra, 2013



O Impacto do Divórcio nas Crianças e Adolescentes
Consequências Psicológicas

SILMARA DOS SANTOS ROCHA BIANCHESSI

Dissertação Apresentada ao ISMT para a Obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia Clínica (Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia
Clínica)

Orientadora: Professora Doutora Carolina Henriques, Professora Adjunta na
Escola Superior de Saúde de Leiria, Instituto Politécnico de Leiria

Coimbra, outubro de 2013

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, sem Ele nada seria possível, pois quem tem fé e é fiel tudo suporta e conquista.

Este trabalho só foi possível graças à disponibilidade e colaboração dos pais e crianças que permitiram a recolha de dados, por isso a todos o meu muito obrigado.

Agradeço aos intervenientes na construção deste trabalho, quer pelo seu papel ativo, quer pelo apoio e pela coragem que me foram transmitindo.

À professora Doutora Carolina Henriques, pelo apoio, orientação, competência e serenidade durante a orientação, a qual foi imprescindível e eficaz, muito obrigado.

À minha melhor amiga e companheira Mestre Marta Dores, a qual foi incansável a transmitir-me os seus conhecimentos neste projeto. Muito obrigado pelo tempo disponibilizado, pelo carinho, afeto e dedicação. Estiveste ao meu lado do princípio ao fim, sem ti seria quase impossível.

Aos meus pais, que são o meu alicerce, cúmplices, fiéis, amigos e que nunca me deixaram desistir do meu sonho.

Ao Luís, pelo seu grande amor, companheirismo, dedicação, apoio incondicional... És o meu pilar, sem ti seria tudo mais solitário.

À minha filha Alícia, pela paciência, amor e dedicação nestes anos a fio.

À minha colega de curso Ana Marques, pela amizade e cumplicidade que nos envolveu.

Ao meu padrinho mestre Hélder Meireles Carneira, pelo carinho e atenção dispensada para esclarecer as minhas muitas dúvidas.

A todos aqueles que tornaram a realização deste projeto possível e que, direta ou indiretamente, contribuíram para a sua concretização.

Resumo

Este trabalho pretendeu conhecer as características sociodemográficas de crianças que viveram o divórcio dos seus progenitores, determinar o seu nível de *stress*, conhecer os seus problemas de comportamento e analisar sintomas depressivos.

Para isso, analisaram-se os resultados de 40 crianças e adolescentes, entre os 11 e os 14 anos, na Escala de *Stress* Infantil (ESI, Lucarelli & Lipp, 1999), no *Youth Self-Report* (YSR, Achenbach, 1991, conforme citado por Fonseca & Monteiro, 1999) e no *Children's Depression Inventory* (CDI, Kovacs, 1983, conforme citado por Simões, 1999).

Os resultados demonstram que a maioria das crianças e jovens considera que a família tem uma boa qualidade de vida e que é capaz de se adaptar bem às dificuldades. Quanto ao grau de *stress*, tanto da família como a própria criança, é percecionado como baixo. Os jovens apresentam um valor baixo na autoavaliação de diversos problemas de comportamento apresentando um nível médio de depressão elevado.

Palavras-chave: Divórcio, Impacto, Crianças, Adolescentes.

Abstract

The purpose of this study was to know the sociodemographic characteristics of children that experienced the divorce of their parents, to determinate their stress level, to know their behaviour problems and to analyse depressive symptoms.

For that we analysed the results of 40 children and adolescents, between 11 and 14 years old, in *Escala de Stress Infantil* (ESI, Lucarelli & Lipp, 1999), in Youth Self-Report (YSR, Achenbach, 1991, as cited by Fonseca & Monteiro, 1999) and in Children's Depression Inventory (CDI, Kovacs, 1983, as cited by Simões, 1999).

The results demonstrate that the majority of children and young people consider that the family has a good quality of life and is able to adapt well to difficulties. The degree of stress, both the family as the child itself is perceived as low. Young people have a low self-assessment of the various behaviour problems and have a higher average level of depression.

Keywords: Divorce, Impact, Children, Adolescents.

Índice

Parte I – Introdução	9
1. O Divórcio	10
2. O Impacto do Divórcio nas Crianças e Adolescentes	11
3. Fatores Protetores do Impacto do Divórcio	17
4. Estudos de Investigação	18
Parte II – Contribuição Pessoal	20
1. Materiais e Métodos	20
1.1. Tipo de Estudo	20
1.2. Objetivos de Investigação	21
1.3. Questões de Investigação	21
1.4. População e Amostra	21
1.5. Instrumentos de Colheita de Dados	22
1.6. Procedimentos Formais e Éticos	25
1.7. Análise Estatística	26
2. Resultados	26
2.1. Análise Descritiva	27
3. Discussão dos Resultados	33
Conclusão.....	37
Referências Bibliográficas.....	38
Anexos.....	43
Anexo I – Questionário Sociodemográfico.....	44
Anexo II – Escala de <i>Stress</i> Infantil.....	47
Anexo III – <i>Youth Self-Report</i>	52
Anexo IV – Inventário da Depressão de Beck para Crianças	60
Anexo V – Pedidos de Autorização	63
Anexo VI – Autorização	69
Anexo VII – Consentimento Informado	71

Índice de Tabelas

Tabela 1: Caracterização da Amostra face à Idade.....	27
Tabela 2: Distribuição da Amostra face ao Sexo, Ano de Escolaridade e Nacionalidade.....	27
Tabela 3: Distribuição da Amostra face à Existência de Irmãos.....	28
Tabela 4: Caracterização da Amostra face à Idade do 1º, 2º e 3º Irmãos.....	28
Tabela 5: Caracterização da Amostra face à Idade do Pai e da Mãe.....	28
Tabela 6: Distribuição da Amostra face às Habilitações Literárias e Situação Profissional do Pai.....	29
Tabela 7: Distribuição da Amostra face às Habilitações Literárias e Situação Profissional da Mãe.....	29
Tabela 8: Distribuição da Amostra face a “Quem detém o poder parental?”, “Qual a relação com o outro progenitor?”, “Com quem moras na maioria do tempo?” e “Tipo de família”.....	30
Tabela 9: Caracterização da Amostra face à Questão “Há quanto tempo ocorreu o divórcio dos seus pais?”.....	30
Tabela 10: Distribuição da Amostra face às Questões “Como é que avalias o <i>stress</i> da família?”, “Como é que avalias a qualidade de vida da família?” e “Como é que achas que a tua família se adapta, em geral, às dificuldades?”.....	31
Tabela 11: Caracterização da amostra face à Escala de <i>Stress</i> Infantil (ESI).....	32
Tabela 12: Caracterização da Amostra face ao Questionário de Auto Avaliação para Jovens (YSR).....	33
Tabela 13: Caracterização da Amostra face ao Inventário de Depressão de Beck para Crianças.....	33

Lista de Siglas

α – Alfa

σ – Desvio padrão

Md – Mediana

\bar{X} – Média aritmética

Mo – Moda

N – Número de elementos da amostra

Xmín. – Valor mínimo

Xmáx. – Valor máximo

CBCL – *Children's Behavior Checklist*

CDI – *Children's Depression Inventory*

CPIC – *Children's Perception of Interparental Conflict Scale*

DJC – Department of Justice Canada

ESI – Escala de *Stress* Infantil

HPA – Hipotalâmico-pituitário-adrenal

INE – Instituto Nacional de Estatística

OPP – Ordem dos Psicólogos Portugueses

QVPM – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

SPSS – *Statistic Package for the Social Sciences*

US – *United States*

USCB – *United States Census Bureau*

YSR – *Youth Self Report*

Parte I – Introdução

A rutura de um casamento é a segunda causa de *stress*, a seguir ao luto, nos adultos (Charlish, 2001; Serra, 2007). Segundo Charlish (2001), estudos efetuados nos últimos vinte anos confirmam que, para as crianças, o divórcio é pior que o luto, pois sentem-se abandonadas por um dos progenitores. Slepj (2000) defende que a separação física ou emotiva tem o significado simbólico de uma morte.

Os estudos de Wallerstein (conforme citado por Brazelton, 2006) sobre filhos de pais divorciados mostram que eles continuam a desejar a reconstituição da família de origem até catorze ou quinze anos depois do divórcio. A família original pode ter sofrido e provocado tensões, mas a criança sonha ter novamente o pai e a mãe para si (Brazelton, 2006; Charlish, 2001; Cordeiro, 2009; Ramires, 2004).

Tem-se verificado que o impacto do divórcio e a adaptação ao mesmo não são lineares em todas as pessoas, havendo respostas muito diferenciadas (Amato, 2000; Hetherington, 1993, conforme citado por Lamela, 2009; Souza & Ramires, 2006). Novos estudos têm demonstrado que não é o divórcio por si só que tem consequências negativas nas crianças, podendo essas ser amenizadas ou amplificadas perante diversas condições (Raposo et al., 2011).

Para o presente estudo decidimos fazer uma revisão da literatura centrada no impacto do divórcio, tanto a nível psicológico como fisiológico. São ainda abordados aspetos estatísticos relativos à prevalência do divórcio, as suas causas, fatores protetores para as crianças e estudos empíricos relativos a estas temáticas. Serão também tratados os aspetos relativos ao estudo empírico, apresentando e discutindo os resultados. Por fim, é apresentada a conclusão e as referências bibliográficas.

Este estudo é observacional, descritivo e transversal, uma vez que se pretende analisar o impacto do divórcio em crianças e adolescentes entre os 11 e os 14 anos. Os objetivos pretendidos são conhecer as características sociodemográficas dos participantes, determinar o seu nível de *stress*, conhecer os seus problemas de comportamento e analisar possíveis sintomas depressivos.

1. O Divórcio

Segundo vários autores citados por Feldman (2001) (Ahrns, 1995; Cherlin, 1993; Cherlin et al., 1991; Goode, 1993), a taxa de divórcio aumentou nas últimas décadas na maioria dos países industrializados, à exceção do Japão e da Itália.

De acordo com os dados dos últimos recenseamentos feitos nos Estados Unidos da América, a probabilidade de divórcio é elevada, em particular nos casais mais novos. Apesar da taxa do divórcio estar a diminuir desde o seu auge, em 1981, 60% dos primeiros casamentos ainda acabam em divórcio (Feldman, 2001).

No período entre 1985 e 1990, a média de divórcios em Portugal foi de 0,6%, localizando-se em 6,5% entre 1990 e 1995. Entre 1994 e 2005, existiram 2,1 divórcios por mil habitantes (Serra, 2007) e em 2011, a taxa de divórcio foi de 2,5 por mil habitantes (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2011).

Devido a esta tendência, o número de lares monoparentais [ou seja, quando os pais estão apenas representados por um elemento (Alarcão, 2006)], duplicou nos Estados Unidos da América: em 1990, cerca de 28% das famílias eram constituídas por um dos progenitores, comparativamente aos 13% de 1970. Alguns grupos raciais e étnicos têm sido particularmente abalados por este fenómeno: mais de metade das crianças afro-americanas e quase um terço das crianças hispânicas viviam apenas com um dos progenitores em 1990 (US Census Bureau [USCB], 1991, conforme citado por Feldman, 2001).

Além disso, na maior parte das famílias monoparentais é a mãe, e não o pai, quem vive com a criança, um fenómeno consistente nos vários grupos raciais e étnicos em todo o mundo industrializado (Burns & Scott, 1994, conforme citado por Feldman, 2001).

Existem várias causas para o divórcio, encontrando-se entre elas: a proveniência de estratos socioeconómicos diferentes; a realização do casamento durante a adolescência; a existência de personalidade rígida num dos membros do casal; a falta de comunicação; a falta de capacidade para resolver problemas; a presença de expetativas irrealistas acerca do casamento; a não concretização de expetativas; o falecimento de um filho; a existência de um divórcio na geração anterior (Kaplan & Sadock, 1998, conforme citado por Serra, 2007); a existência prévia de problemas graves de saúde física e psíquica [perturbações de personalidade, alcoolismo, toxicoddependência, transtornos psicóticos, ciúme mórbido, perturbações de ansiedade (Serra, 2007)]; violência; problemas decorrentes do trabalho (Graaf & Kalmijn, 2006, conforme citado por Martins, 2010); existência de relações extraconjugais; rotina quotidiana (Bodenmann et al., 2007, conforme citado por Martins, 2010); e distância física devido à emigração (Amato & Previti, 2003).

Allen (1998), Mechoulan (2006), Rasul (2006), Ressler e Waters (2000), Swepper (2004) e Uunk (2004), conforme citado por Lamela (2009), defendem ainda que a cultura, a independência econômica da mulher, a existência de serviços de apoio a famílias monoparentais e a facilidade processual também contribuem para o aumento do divórcio.

Quando os progenitores decidem divorciar-se, devem pensar nos efeitos que o divórcio terá nos filhos, e como irão controlar essa situação. Frequentemente a dúvida divide entre a separação ou a manutenção das discussões (Brazelton, 2006). Contudo, é preferível existir uma separação do que correr-se o risco de haver agressividade e violência (Cordeiro, 2009).

Antes da separação, é relevante preparar a criança o mais cuidadosamente possível, apesar de muitas vezes ela já se ter apercebido (Brazelton, 2006; Brazelton & Sparrow, 2010). É importante não mentir nem fazer falsas promessas, embora não se devam revelar todos os pormenores (Cordeiro, 2009), que poderiam magoar os filhos. Depois, deve-se estar preparado para os sentimentos deles e dar-lhes oportunidade para falar, pois não possuem a maturidade emocional que lhes permite lidar com emoções tão perturbantes e penosas (Charlish, 2001; Raposo et al., 2011).

A mágoa provocada pelo divórcio normalmente passa por quatro fases, que costumam sobrepor-se parcialmente: negação ou recusa da realidade; choque, raiva e conflito; tristeza; e aceitação (Charlish, 2001).

Na altura do divórcio, as famílias mais numerosas tornam-se ainda mais importantes para a criança. Os irmãos podem proteger-se uns aos outros do medo da separação, tornando as suas relações mais fortes (Brazelton, 2006). Os avós, tios, primos e amigos próximos podem também tornar-se um importante apoio para as crianças. Não só podem ajudá-las a compreenderem a separação, como também a preencherem a necessidade de pessoas carinhosas em que possam confiar e que permaneçam uma constante nas suas vidas, protegendo-as do receio de abandono (Brazelton, 2006; Brazelton & Sparrow, 2010).

A família de ambos os lados tem um papel importante, tendo de haver uma reconciliação dos sentimentos em relação aos sogros, tios e primos, de modo a respeitar a necessidade que as crianças têm de conviver com eles (Brazelton, 2006).

2. O Impacto do Divórcio nas Crianças e Adolescentes

O divórcio é considerado por Amato (2000) e Hetherington (2006, conforme citado por Nederhof et al., 2012) não um evento, mas sim um processo, uma vez que interliga diversos acontecimentos causadores de *stress*, que podem ampliar as consequências do

divórcio nas crianças. Estes acontecimentos podem ser conflitos entre os pais antes, durante e após o divórcio; menor disponibilidade de um deles; afastamento dos avós de uma das partes; manipulação de que podem ser alvo para considerarem o suposto causador do divórcio como mau; modificação da estrutura familiar e condições de vida; e diminuição dos recursos económicos (Amato & Keith, 1991, conforme citado por Nunes-Costa, Lamela, & Figueiredo, 2009; Department of Justice Canada [DJC], 1997; Hack & Ramires, 2010; Kelly & Emery, 2003; Nunes-Costa et al., 2009; Raposo et al., 2011; Serra, 2007; Souza, 2000).

A manutenção dos conflitos entre os pais após o divórcio traz consequências a nível escolar e de comportamento nas crianças, provocando uma diminuição da autoestima (Johnson & Bradbury, 1998, conforme citado por Serra, 2007; Kelly & Emery, 2003; Mechanic & Hansell, 1989, conforme citado por DJC, 1997; Raposo et al., 2011).

Relativamente às condições de vida, a mudança de casa e escola é muito complexa, principalmente se a criança apresentar dificuldades sociais, de aprendizagem ou de atenção (Brazelton, 2006; Brazelton & Sparrow, 2010; Charlish, 2001).

Outros fatores que impulsionam as consequências do divórcio são a existência de problemas intrínsecos à criança, problemas psicológicos nos pais (Amato & Keith, 1991, conforme citado por Nunes-Costa et al., 2009; Cohen, 2002; Lansford, 2009, conforme citado por Raposo et al., 2011), problemas como abuso de álcool e drogas (Brazelton & Sparrow, 2010), a maneira como se informa a criança acerca da situação (Chen & George, 2005, conforme citado por Martins, 2010; Ducibella, 1995, conforme citado por Souza, 2000; Kelly & Emery, 2003), a má adaptação dos pais ao divórcio e a longa duração dos procedimentos do divórcio (Bing, Nelson, & Wesolowski, 2009, conforme citado por Raposo et al., 2011; DJC, 1997).

Algumas investigações citadas pelo DJC (1997) (Amato, 1991; Amato & Keith, 1991; Bean, 1995; Durndell, Cameron, Knox, & Haag, 1995; Mechanic & Hansell, 1989; Tien, 1986; Wong, 1995) demonstraram que o impacto do divórcio era diferente consoante o grupo étnico e cultural em que os sujeitos estavam inseridos, pelo que este também pode ser considerado um fator de vulnerabilidade.

Segundo Charlish (2001), o *stress* causado pelo divórcio pode representar um problema de saúde significativo.

Troxel e Matthews (2004, conforme citado por Nunes-Costa et al., 2009) propuseram o modelo biopsicossocial do impacto da dissolução conjugal na saúde física das crianças, que defende que a separação provoca a desorganização das práticas parentais e a diminuição da segurança económica da família, o que, associado a fatores biológicos, familiares,

interpessoais e sociais, vai contribuir para a perturbação emocional da criança e, conseqüentemente, para problemas de ordem física.

O *stress* vivido pela criança vai originar uma série de respostas fisiológicas, que são adaptativas durante períodos de tempo limitados. Contudo, a longo prazo, podem levar a que a criança desenvolva diabetes, hipertensão, imunossupressão, problemas reprodutores e síndrome de Cushing (Ramos, 2004, conforme citado por Nunes-Costa et al., 2009), e prejudicar o eixo hipotalâmico-pituitário-adrenal (HPA), estruturas ao nível do córtex cerebral e o sistema imunitário (Nunes-Costa et al., 2009).

Vários autores citados por Nunes-Costa et al. (2009) (de Jong, 1992; D’Onofrio, 2006; Kilpeläinen et al., 2002; Tucker et al., 1997) concluíram que as crianças que passam pela separação dos pais apresentam um maior risco de contração de doenças respiratórias, lesões físicas, mortalidade precoce e hospitalizações.

A imunidade física da criança poderá refletir as suas tensões internas – problemas psicossomáticos, aparecendo constipações, otites, dores de estômago e cabeça, náuseas, entre outras perturbações (Brazelton, 2006; Cohen, 2002; Nunes-Costa et al., 2009).

A criança pode perder o controlo dos esfíncteres, após um período em que já o fazia – enurese e/ou encoprese (Alarcão, 2006; Charlish, 2001; Mota & Barros, conforme citado por Nunes-Costa et al., 2009; Souza, 2000). Pode apresentar também mudanças de apetite e perda ou aumento de peso (Charlish, 2001; Nunes-Costa et al., 2009; Souza, 2000).

Vários autores referidos por Nunes-Costa et al. (2009) (Aro & Palosaari, 1992; Barber, 1998; D’Onofrio, 2006; Doucet & Aseltine, 2003; Figueiredo et al., 2006; Paxton, Valois, & Drane, 2007; Sartor et al., 2007; Wolfinger, 1998) defendem que é provável o aumento de comportamentos de risco, e.g., o uso de substâncias e o início precoce da atividade sexual. Por fim, o divórcio é considerado um preditor de hipertensão, asma e insónias na adultez (Huurre, Junkkari, & Aro, 2006, conforme citado por Nunes-Costa et al., 2009; Maier & Lachman, 2000, conforme citado por Nunes-Costa et al., 2009).

Segundo diversos autores citados por Feldman (2001) (Gottman, 1993; Gutmann, 1993; Kurtz, 1994; Simmons, 1996; Weiss, 1994), o divórcio e a subsequente vida num lar monoparental poderão conduzir a dificuldades psicológicas de vária ordem, tanto para os pais como para os filhos.

De acordo com Charlish (2001), a causa mais significativa de *stress* nas crianças é a perda de um dos pais, quer através da morte quer da separação ou divórcio. Investigações têm demonstrado que as crianças órfãs de um progenitor, em comparação com aquelas cujos progenitores estão vivos, apresentam menor autoestima, piores resultados académicos,

dificuldades de ajustamento e alterações do comportamento. Contudo, as crianças de pais divorciados apresentam resultados globais piores do que as crianças nas duas situações anteriormente referidas (Johnson & Bradbury, 1998, conforme citado por Serra, 2007).

Os resultados relativamente às diferenças do impacto do divórcio consoante o género e a idade das crianças têm sido contraditórios, pensa-se que todas são afetadas, embora de maneiras distintas (Allison & Furstenburg, 1989, conforme citado por Nederhof et al., 2012; DJC, 1997; Kapinus, 2004, conforme citado por Martins, 2010; Raposo et al., 2011). Contudo, Hetherington e Stanley-Hagan (1999) e Wallerstein e Kelly (1998, conforme citado por Hack & Ramires, 2010) afirmam que são as crianças mais novas que mais sofrem, pois não percebem a situação, ao contrário dos adolescentes.

As crianças encaram a separação dos pais como algo muito pessoal, não importa que não tenham culpa pois sentem que parte da culpa é delas (Brazelton, 2006; Brazelton & Sparrow, 2010; Charlish, 2001; Feldman, 2001; Souza, 2000), podendo afirmar que as próprias são a causa do divórcio. As crianças pequenas têm menos possibilidades de o exprimir, porém também sentem (Brazelton, 2006).

A criança pode desenvolver uma depressão, sentir-se irritada (Charlish, 2001; Ramires, 2004; Seltzer, 1994, conforme citado por Serra, 2007; Souza, 2000), abandonada, magoada (Souza, 1998, 1999, conforme citado por Souza, 2000; Souza & Ramires, 2006; Turk, Graham, & Verhulst, 2007, conforme citado por Nunes-Costa et al., 2009), e pressionada a tomar partido (Feldman, 2001).

Frequentemente são expostas a elevados níveis de conflito parental, há a tendência para ocorrer um aumento da ansiedade e do comportamento agressivo, menos revelados nas raparigas (Alarcão, 2006; Charlish, 2001; Feldman, 2001; Hetherington, Cox, & Cox, 1982, conforme citado por Nederhof et al., 2012; Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Hines, 2007; Kelly & Emery, 2003; Ramires, 2004; Seltzer, 1994, conforme citado por Serra, 2007; Souza, 2000; Turk et al., 2007, conforme citado por Nunes-Costa et al., 2009). Como se sentem abandonadas pelo progenitor que saiu de casa e receiam ser abandonadas pelo que ficou, tornam-se agressivas para ambos (Brazelton, 2006; Charlish, 2001). Podem também estar presentes, comportamentos antissociais e impulsivos, e hiperatividade, principalmente nos rapazes (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Malone et al., 2004, citados por Nunes-Costa et al., 2009). Por vezes, verifica-se a existência de mentiras e até de roubos (Charlish, 2001).

Nos adolescentes, Cohen (2002) verificou ainda a presença do uso de substâncias, de uma conduta sexual inadequada, de comportamento delincente e do desenvolvimento de uma autonomia prematura.

Por outro lado, estudos efetuados na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos da América concluíram que os professores, quando estão a par da reorganização familiar, esperam que as crianças tenham dificuldades escolares, o que pode influenciar a sua atitude e expectativas em relação a elas (Charlish, 2001).

Com o divórcio, a criança vai perder o suporte e modelação que eram dados pelos pais enquanto casal. A sua capacidade de, no futuro, desenvolver relações sólidas com outros adultos é provável que seja prejudicada, sendo mais provável que o divórcio continue de geração para geração (Brazelton, 2006; Feldman, 2001). Uma criança que se vê envolvida na luta dos próprios pais cresce na expectativa de se tornar um adulto irritado, inseguro, conflituoso e com dificuldades de relacionamento (Brazelton, 2006; Charlish, 2001).

O relacionamento com o elemento do sexo oposto pode tornar-se demasiado intenso sem a presença protetora do terceiro membro do triângulo. É provável que uma criança que viva só com um dos pais tenha mais dificuldade em ir ao encontro da necessidade que tem de se identificar com cada um deles e de criar a sua identidade. Pode sentir essa aproximação como perigosa de um modo que não sentiria se ambos estivessem presentes (Brazelton, 2006; Charlish, 2001).

Além de tudo isto, muitas vezes as crianças sentem-se envergonhadas perante os pares, principalmente quando a escola, e.g., solicita a presença de ambos os pais em festas ou reuniões. O divórcio cria a perceção de descida de estatuto social e leva a problemas de socialização (Serra, 2007; Souza, 2000). Contudo, nos últimos anos este sentimento tem diminuído, uma vez que os divórcios têm vindo a aumentar (Alarcão, 2006).

Amato e Keith (1991, conforme citado por Raposo et al., 2011) concluíram que os filhos de pais divorciados sentem menos bem-estar e têm piores resultados escolares, ajustamento psicológico, autoconceito, relações sociais e relações com os pais. Outro estudo (Amato & Cheadle, 2005) mostrou que essas crianças têm uma maior probabilidade de ter problemas cognitivos, emocionais e sociais. Por sua vez, Seltzer (1994, conforme citado por Serra, 2007), verificou que eles tinham menos escolaridade, casavam mais cedo e apresentavam uma maior taxa de divórcio, o que também foi verificado por Hetherington (1999, conforme citado por Martins, 2010).

Cockett (citado por Charlish, 2001) apurou que metade dos jovens que frequentavam serviços de Psiquiatria e de Psicologia já não vivia com ambos os pais. Outros estudos

concluíram que as crianças com pais separados apresentam uma maior probabilidade de virem a ser enviadas a estes serviços (Charlish, 2001).

Alguns dados apontam para o facto de que as crianças provenientes de famílias monoparentais apresentam menor ajustamento do que as crianças criadas com ambos os progenitores (Barber & Eccles, 1992, conforme citado por Feldman, 2001; Harland et al., 2002, conforme citado por Hack & Ramires, 2010; Raposo et al., 2011). Contudo, parece evidente que são mais bem-sucedidas se crescerem numa família monoparental relativamente tranquila do que numa família em que ambos os pais estão em conflito contínuo (Feldman, 2001; Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Kelly & Emery, 2003).

Segundo diversos autores citados por Feldman (2001) (Cherlin, 1993; Gelles, 1994; Gottfried & Gottfried, 1994; Harold et al., 1997), os problemas emocionais e comportamentais apresentados por algumas das crianças com pais divorciados poderão advir mais dos problemas familiares que existiam antes da separação do que do divórcio em si.

Maziade et al. (1985, citados por Serra, 2007) verificaram que nas famílias disfuncionais os filhos têm mais problemas de comportamento, como oposição e hiperatividade, do que nas famílias funcionais.

Outros estudos citados por Charlish (2001) sugeriram que o comportamento e o rendimento escolar das crianças são afetados pelos conflitos parentais muito antes de o divórcio se consumar. Além disso, as crianças expostas à violência evidenciaram uma probabilidade muito maior de ficar com traumas.

O *Exeter Family Study* (1994, conforme citado por Charlish, 2001) mostrou que as crianças se sentem, muitas vezes, infelizes e inseguras quando têm de ouvir discussões frequentes entre os pais. Verificou também que os filhos de casais onde a violência e os maus-tratos estavam presentes se alegraram com a separação.

Segundo Johnson e Bradbury (1998, conforme citado por Serra, 2007), a separação de casais conflituosos promove tanto o bem-estar dos filhos como da mãe. Ribeiro (1989, citado por Souza, 2000) concluiu que o principal aspeto positivo relatado foi o término dos conflitos.

Crosnoe e Elder (2004, conforme citado por Nunes-Costa, 2009) e Hagerty e Williams (2002, conforme citado por Nunes-Costa et al., 2009) verificaram que, com a separação os filhos tinham aumentado os seus níveis de bem-estar e saúde física. As crianças avaliadas por Basham (1991, conforme citado por Martins, 2010) referiram sentir segurança, bem-estar, alívio, alegria e existência de novas oportunidades com a separação dos pais.

Desta forma, parecem haver consequências positivas a retirar do divórcio (Hetherington, 2003, conforme citado por Martins, 2010; Raposo et al., 2011). Há ainda crianças que manipulam os pais, tendo o dobro das vantagens que tinham antes (Cordeiro, 2009).

3. Fatores Protetores do Impacto do Divórcio

Segundo Kelly e Emery (2003), os fatores protetores da criança durante o processo de divórcio, i.e., os que diminuem o seu impacto, são a competência e ajustamento psicológico do progenitor com que vive, a aplicação de práticas parentais corretas, a boa relação com o progenitor ausente e a relação cordial entre os pais.

Por sua vez, Féres-Carneiro (1998, conforme citado por Hack & Ramires, 2010) coloca a ênfase na relação estabelecida entre os progenitores e na sua capacidade de distinguir o subsistema conjugal do parental, e Ramires (2004) sublinha a importância de uma boa vinculação entre os filhos e os pais.

É muito importante que o progenitor que não habita com a criança planeie as suas visitas e as cumpra, estando completamente disponível para ela nesses momentos (Brazelton & Sparrow, 2010), nunca corte laços e se mostre afetuoso (Charlish, 2001). Segundo Johnson e Bradbury (1998, conforme citado por Serra, 2007), quando o contacto com o progenitor que sai de casa é saudável, traz benefícios para a criança, quando não é, traz malefícios.

As datas festivas, como o aniversário, natal, ano novo e páscoa, não devem gerar discussões, sendo as crianças mais velhas incentivadas a exprimir a sua opinião sem medo de represálias. Além disso, deve haver flexibilidade nos horários e dias marcados para cada progenitor, de modo a que a criança os possa ver quando sente saudades (Charlish, 2001; Mahon et al., 2003, conforme citado por Hack & Ramires, 2010).

Apesar de ser difícil, idealmente um progenitor deve referir-se ao outro de um modo mais favorável, para bem da criança, e deve encorajar a relação entre ambos, e.g., permitindo que falem ao telefone frequentemente (Alarcão, 2006; Brazelton, 2006; Brazelton & Sparrow, 2010), nunca demonstrando hostilidade perante a vida que a criança tem com o outro progenitor (Alarcão, 2006; Charlish, 2001). Necessitando dos dois progenitores para se identificar (Brazelton, 2006), logo têm que cooperar e não utilizar a criança como um trunfo nas suas guerras, colocando-a no meio da animosidade (Alarcão, 2006; Brazelton, 2006; Brazelton & Sparrow, 2010; Cordeiro, 2009).

As atitudes do progenitor que vive com a criança em relação ao outro, as expectativas dele em relação aos filhos e as oportunidades que dá para a criança se relacionar com pessoas

do sexo oposto são muito importantes, pois vão moderar as dificuldades da criança em criar a sua identidade (Alarcão, 2006).

Os progenitores devem falar sobre determinados assuntos sem a presença da criança (Brazelton & Sparrow, 2010; Cordeiro, 2009), e nunca devem colocar-lhe questões sobre comportamento, estilo de vida, relações e problemas financeiros do outro progenitor, para não a obrigar escolher entre mentir ou divulgar (Charlish, 2001).

Quanto à forma de tratamento às crianças, não devem ser mimadas em demasia nesta fase por nenhum dos pais, pois isso prejudica a disciplina já adquirida e ameaça o progenitor que vive com a criança com a falta de regras. É necessário chegar a um consenso que ajude a criança com regras e disciplinas firmes (Brazelton, 2006), tornando-se ainda mais importantes nesta fase. Uma disciplina assente no respeito constitui uma fonte de segurança (Brazelton, 2006; Brazelton & Sparrow, 2010). Por tudo isso verificou-se por Hetherington et al. (1982, conforme citado por Serra, 2007), que concluíram que as alterações de comportamento das crianças após o divórcio se relacionam com mudanças na educação.

Apesar das dificuldades, os filhos não devem ser superprotegidos; devem ser confrontados com a realidade e obter reforços positivos quando necessário. Quando uma criança consegue dominar a angústia e a mudança, reforça a sua autoimagem (Brazelton, 2006).

De acordo com Kelly e Wallerstein (1977, conforme citado pelo DJC, 1997) e Hetherington (2003, conforme citado por Martins, 2010), o suporte social que as crianças recebem da família alargada, vizinhos, amigos, professores, entre outros, pode minorar o impacto do divórcio, tal como o recurso a técnicos de saúde mental.

Outro fator protetor do impacto do divórcio na criança, embora indireto, é a existência de recursos económicos, pois permite-lhe manter o nível de vida a que estava habituada (DJC, 1997).

O bom desenvolvimento da criança e características como autoestima elevada, boa capacidade cognitiva, autonomia e responsabilidade estão também ligados a uma melhor adaptação (Hetherington, 2005, conforme citado por Raposo et al., 2011; Kelly & Emery, 2003).

4. Estudos de Investigação

Moura e Matos (2008) realizaram um estudo observacional descritivo de comparação entre grupos, que pretendeu investigar as associações entre a vinculação, o divórcio, o conflito interparental e o género, tanto do adolescente como dos progenitores. Deste modo

pretende-se investigar as diferenças na vinculação segundo a estrutura familiar (famílias intactas e divorciadas), o conflito interparental e o gênero. Assim, 310 adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, sobretudo de famílias intactas, preencheram um questionário sociodemográfico, o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM; Matos & Costa, 2001, versão revista) e o *The Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (CPIC; Grych, Seid, & Fincham, 1992). Os autores concluíram que o conflito interparental afeta a vinculação aos pais, independentemente da estrutura familiar, enquanto o divórcio afeta principalmente o relacionamento do adolescente com o pai.

Por sua vez, Martins (2010) analisou a vivência do divórcio pelos filhos, investigando as consequências do mesmo a nível pessoal, desenvolvimental, escolar e legal. Assim, realizou um estudo observacional descritivo de comparação entre grupos, quantitativo com um plano quase-experimental, comparando 14 filhos de pais juntos com 13 filhos de pais separados, entre os 12 e os 15 anos, e um estudo qualitativo com estes últimos. Os dados foram recolhidos através de um questionário sociodemográfico e do *Youth Self-Report* (YSR, Achenbach, 1991), aplicados a todos os adolescentes. Os filhos de pais separados responderam ainda a uma entrevista semiestruturada sobre o divórcio. Um dos seus progenitores preencheu o *Child Behavior Checklist* (CBCL, Achenbach, 1991) e um questionário sobre o processo de divórcio. Apesar de os resultados obtidos não serem estatisticamente significativos, indicam que o divórcio tem um impacto negativo, principalmente nos primeiros meses, provocando isolamento, ansiedade, depressão, delinquência, problemas sociais, problemas de atenção e problemas escolares.

Vélez, Wolchik, Tein e Sandler (2011) realizaram um estudo observacional descritivo longitudinal, investigando se mudanças na relação entre as mães e os seus filhos devido a um programa de intervenção preventiva com famílias divorciadas conduziam a alterações nos processos de *coping* usados pelas crianças, tanto a curto (6 meses) como a longo prazo (6 anos). Para isso, foram realizadas entrevistas separadas com 240 crianças, entre os 9 e os 12 anos, e as suas mães, em cinco momentos distintos. Os dados indicam que as mudanças relacionais entre mães e filhos conduziam a aumentos na eficácia do *coping* passado 6 meses e na eficácia do *coping* e nas estratégias de *coping* passados 6 anos. Estes resultados contribuem para perceber a importância da relação mãe-filho nos casos de divórcio.

Por fim, Voursora, Verdelli, Warner, Wickramaratne e Baily (2012) realizaram um estudo observacional descritivo longitudinal acerca do impacto da depressão parental e do divórcio na psicopatologia das crianças. Assim, debruçaram-se nos dados de um estudo longitudinal com famílias com alto e baixo risco de depressão, sendo analisados 178 crianças,

em média com 14 anos, cujos pais e avós se encaixavam nestes dois grupos, por investigadores neutros. Em ambos os grupos, o divórcio tinha um impacto limitado no risco para desenvolver depressão. Verificou-se um efeito significativo do divórcio apenas nas crianças do grupo de alto risco, com um dos avós deprimido e pais não deprimidos, pois apresentavam tendência para desenvolver perturbações de ansiedade. Estes resultados vão ao encontro de outras investigações que verificaram que o risco familiar para depressão ofuscam o efeito do divórcio na psicopatologia infantil.

Parte II – Contribuição Pessoal

1. Materiais e Métodos

Segundo Manstead e Semin (1988, p. 60, conforme citado por Alferes, 1997, p. 19), a metodologia consiste nos “meios para traduzir em ações as ideias do investigador”.

Desta forma, neste capítulo é apresentado o tipo de estudo, os objetivos e questões de investigação, as hipóteses em análise, os aspetos referentes à população e amostra em estudo, a descrição dos instrumentos de colheita de dados utilizados, os procedimentos formais e éticos seguidos e as características da análise estatística realizada nesta investigação.

1.1. Tipo de Estudo

Como pudemos verificar anteriormente, os vários estudos realizados em torno do impacto do divórcio têm chegado a conclusões divergentes (Ribeiro, 2007).

O “desenho de investigação refere-se à estrutura geral ou plano de investigação de um estudo” (Ribeiro, 2007, p. 51). Assim, utilizando a terminologia deste autor, este estudo considera-se observacional descritivo transversal, uma vez que o investigador não atua sobre a variável independente e o estudo fornece-nos informações sobre a população, a partir de dados recolhidos num único momento.

O método de investigação consiste nos processos utilizados para processar e analisar os dados (Bowling, 1998, conforme citado por Ribeiro, 2007). Desta forma, considera-se um estudo experimental natural, uma vez que se selecionaram sujeitos que referiram ter experienciado o divórcio dos pais e não se manipulou essa variável (Brannon & Feist, 1992, conforme citado por Ribeiro, 2007).

1.2. Objetivos de Investigação

Os objetivos da investigação referem-se aos passos que o investigador vai realizar de forma a responder às questões de investigação (Ribeiro, 2007). A partir da literatura existente e tendo em conta os aspetos avaliados, os objetivos são os seguintes:

- Conhecer as características sociodemográficas de crianças e adolescentes que tenham vivenciado o divórcio dos seus progenitores;
- Determinar o nível de *stress* de crianças e adolescentes que tenham vivenciado o divórcio dos seus progenitores;
- Conhecer os problemas de comportamento de crianças e adolescentes que tenham vivenciado o divórcio dos seus progenitores;
- Analisar os sintomas depressivos de crianças e adolescentes que tenham vivenciado o divórcio dos seus progenitores.

1.3. Questões de Investigação

“A questão de investigação constitui o elemento fundamental do início de uma investigação.” (Ribeiro, 2007, p. 34). Assim neste estudo foram definidas as seguintes questões de investigação:

- Quais são as características sociodemográficas de crianças e adolescentes que tenham vivenciado o divórcio dos seus progenitores;
- Qual é o nível de *stress* de crianças e adolescentes que tenham vivenciado o divórcio dos seus progenitores;
- Quais são os problemas de comportamento de crianças e adolescentes que tenham vivenciado o divórcio dos seus progenitores;
- Quais são os sintomas depressivos de crianças e adolescentes que tenham vivenciado o divórcio dos seus progenitores.

1.4. População e Amostra

De acordo com Norusis (1991, conforme citado por Ribeiro, 2007, p. 51), “as pessoas ou objetos acerca das quais se pretende produzir conclusões designam-se por população”. Por sua vez, “uma amostra é um subgrupo da população (ou universo) selecionado para obter informações relativas às características dessa população” (Miaoulis & Michener, 1976, conforme citado por Ribeiro, 2007, p. 51).

Para este estudo, os sujeitos foram escolhidos segundo a conveniência do investigador e a sua disponibilidade, pelo que a amostra se denomina de conveniência (Dommermuth, 1975, conforme citado por Ribeiro, 2007; Maroco, 2007).

Os sujeitos que fazem parte deste estudo são crianças entre os 11 e os 14 anos, de ambos os sexos, que vivenciaram todo o processo de divórcio dos pais e que aceitaram participar voluntariamente nesta investigação, com o consentimento dos progenitores ou detentores da guarda, tendo capacidade para responder oralmente ou de forma escrita aos instrumentos de avaliação.

Assim, a amostra é não probabilística ou intencional, com a consequência de não se conhecer quão representativa ela é da população geral (Maroco, 2007; Smith, 1975, conforme citado por Ribeiro, 2007). Apesar desta desvantagem, o estudo foi desenvolvido a 40 sujeitos, pois segundo Finsterbusch, Liewellyn e Wols (1983, p. 41, conforme citado por Ribeiro, 2007) é um número que pode “fornecer características sensíveis da população”.

1.5. Instrumentos de Colheita de Dados

Para o presente estudo, foi elaborado um protocolo de investigação composto por duas partes. A primeira parte refere-se ao questionário sociodemográfico, que procura descrever a amostra, e a segunda parte é constituída por três escalas de avaliação que medem o *stress* na criança e adolescente (entre os 11 e os 14 anos): Escala de *Stress* Infantil (ESI, Lucarelli & Lipp, 1999), *Youth Self-Report* (YSR) de Achenbach (1991, conforme citado por Fonseca & Monteiro, 1999) e *Children's Depression Inventory* (CDI, Kovacs, 1983, conforme citado por Simões, 1999).

- **Questionário Sociodemográfico**

O questionário sociodemográfico (Anexo I) tem questões relativas à idade, sexo, ano de escolaridade, nacionalidade, local de residência do respondente, a idade, habilitações literárias e profissão dos irmãos, e a idade, habilitações literárias, a profissão, a situação na profissão dos progenitores.

Tem ainda questões relativas ao tempo decorrido após o divórcio, ao progenitor que detém a guarda da criança, à relação da criança com o outro progenitor, à pessoa com quem reside na maioria do tempo e ao tipo de família em que a criança está inserida (monoparental ou reconstituída). Também permite conhecer a perceção do sujeito acerca do grau de *stress*, da qualidade de vida e da adaptação às dificuldades da parte da família, através de uma escala

tipo Lickert de 5 pontos, em que 1 corresponderia a *muito pouco, muito boa* ou *muito bem* (respetivamente) e 5 corresponderia a *muitíssimo, muito má* e *muito mal* (respetivamente).

- **Escala de *Stress* Infantil**

A Escala de *Stress* Infantil (ESI, Lucarelli & Lipp, 1999) é um questionário de autorresposta com o objetivo de identificar os sintomas de *stress* presentes nas crianças entre os 6 e os 14 anos, avaliando o nível de *stress* e diferenciando reações físicas e psicológicas (Anexo II).

O instrumento consiste numa escala tipo Lickert, de 1 a 5 pontos, registada em quartos de círculo, conforme a frequência com que os sujeitos experienciam os sintomas. Assim, 0 pontos consistem no círculo deixado em branco, 1 ponto a um quarto de círculo e assim sucessivamente. Os resultados podem ser obtidos para cada uma das subescalas e para a escala total; quanto mais elevados os resultados, maior é o *stress* (Lucarelli & Lipp, 1999).

A escala é composta por 35 itens, que correspondem a quatro tipos de reações perante o *stress*: físicas (itens 2, 6, 12, 15, 17, 19, 21, 24 e 34), psicológicas (itens 4, 5, 7, 8, 10, 11, 26, 30 e 31), psicológicas com componentes depressivos (itens 13, 14, 20, 22, 25, 28, 29, 32 e 35), e psicofisiológicas (itens 1, 3, 9, 16, 18, 23, 27 e 33).

No que respeita ao estudo empírico de validação da escala realizado por Lucarelli e Lipp (1999), foi utilizada uma amostra de 255 sujeitos, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 6 e os 14 anos, alunos de escolas públicas e profissionais. A estrutura fatorial revelou a existência de quatro fatores, cujos índices de consistência interna (alfas de Cronbach) obtidos foram os seguintes: reações físicas ($\alpha=0,79$), psicológicas ($\alpha=0,76$), psicológicas com componentes depressivos ($\alpha=0,78$), e psicofisiológicas ($\alpha=0,72$), correspondendo a escala total a $\alpha=0,90$.

Quanto aos dados normativos as médias e os desvios-padrão foram os seguintes: reações físicas (8/6,1), psicológicas (13,2/6,7), psicológicas com componentes depressivos (6,8/6), psicofisiológicas (6/4,6), e escala total (36,95/19,67) (Lucarelli & Lipp, 1999).

- ***Youth Self-Report***

O *Youth Self-Report* de Achenbach (1991, conforme citado por Fonseca & Monteiro, 1999) é um questionário de autorresposta com o objetivo de conhecer os problemas de comportamento das crianças e adolescentes entre os 11 e os 18 anos (Anexo III).

O instrumento consiste numa escala tipo Lickert, de 0 a 2 pontos, em que 0 corresponde a *não verdadeira* e 2 a *verdadeira*. Os resultados podem ser obtidos para cada escala e para o inventário total; quanto mais elevados os resultados, maiores são os problemas (Achenbach, 1991, conforme citado por Fonseca & Monteiro, 1999).

O inventário é composto por 136 itens divididos em duas partes: a primeira relacionada com competências, atividades e interesses do sujeito (17 itens, que fornecem um Índice de Atividade, um índice Social e um Índice de Competências), e a segunda com problemas específicos do comportamento (103 itens) e comportamentos socialmente desejáveis (16 itens, que não entram na contagem do resultado total) (Achenbach, 1991, conforme citado por Fonseca & Monteiro, 1999).

Os problemas específicos do comportamento dividem-se em oito escalas: comportamento agressivo, delinquência, ansiedade/depressão, problemas de pensamento, problemas de atenção, queixas somáticas, isolamento e problemas sociais, que se podem agrupar em problemas de expressão exteriorizada (comportamento agressivo e delinquência), e problemas emocionais ou de expressão interiorizada (ansiedade/depressão, queixas somáticas e isolamento) (Achenbach, 1991, conforme citado por Fonseca & Monteiro, 1999).

O estudo de validação deste instrumento, realizado por Fonseca e Monteiro (1999), utilizou uma amostra de 1156 adolescentes e jovens, de ambos os sexos, com idades entre os 11 e os 19 anos. A estrutura fatorial revelou a existência de seis fatores, responsáveis por 35% da variância total: comportamento antissocial (itens 16, 20, 21, 23, 37, 39, 43, 68, 82, 90, 97, 101 e 105; $\alpha=0,80$), problemas de atenção/hiperatividade (itens 1, 3, 7, 8, 10, 41, 68, 74, 86, 87, 93, 94, 95 e 104; $\alpha=0,80$), ansiedade/depressão (itens 12, 13, 14, 33, 34, 35, 38, 48, 52, 62 e 103; $\alpha=0,79$), isolamento (itens 17, 45, 63, 69, 71, 75, 89 e 112; $\alpha=0,70$), queixas somáticas (itens 51, 54, 56a, 56b, 56c, 56d, 56e, 56f e 56g; $\alpha=0,70$), e problemas de pensamento (itens 9, 40, 66, 70, 84, 85 e 100; $\alpha=0,70$), agrupáveis em problemas de expressão exteriorizada e problemas emocionais ou de expressão interiorizada.

Quanto aos dados normativos, o resultado total para o grupo de controlo apresenta uma média de 32,45 e um desvio-padrão de 18,77, enquanto o grupo clínico apresenta os valores 44, 23 e 22,58, respetivamente.

- ***Children's Depression Inventory***

O *Children's Depression Inventory* (Kovacs, 1983, conforme citado por Simões, 1999) é um inventário de autorresposta orientado para a pesquisa de sintomas depressivos em sujeitos entre os 6 e os 18 anos (Anexo IV).

O instrumento consiste numa escala tipo Lickert entre 0 (*ausência de problema*) e 2 pontos (*problema grave*), relativamente a comportamentos presentes nas duas semanas anteriores ao seu preenchimento. Um resultado elevado traduzirá um estado clínico mais grave (Simões, 1999).

Foi elaborado a partir do Inventário de Depressão de Beck, sendo composto por 27 itens, divididos por cinco fatores: humor perturbado, capacidade de sentir prazer, funções vegetativas, autoavaliação e comportamentos interpessoais (Simões, 1999).

O estudo de validação deste instrumento, realizado por Marujo (1995), utilizou uma amostra global e outra longitudinal, num total de 2209 adolescentes e jovens, de ambos os sexos, que frequentavam do 3º ao 9º ano de escolaridade em dois colégios distintos.

A estrutura fatorial revelou a existência de um único fator, responsável por aproximadamente 24% da variância total, com um valor aproximado de 0,846 para o alfa de Cronbach.

Quanto aos dados normativos, o resultado total apresenta uma média de 22,06 e um desvio-padrão de 11,68.

1.6. Procedimentos Formais e Éticos

Os procedimentos formais correspondem aos passos da execução do estudo, descrevendo todas as fases do mesmo e todas as instruções recebidas pelos participantes (Ribeiro, 2007).

Para se proceder à recolha de dados, foi enviado um pedido aos autores dos instrumentos de avaliação a solicitar a autorização de utilização dos mesmos, referindo-se o objetivo e os métodos de colheita de dados do estudo e agradecendo a colaboração (Anexo V).

Relativamente aos participantes, foi entregue um pedido de autorização escrito acerca da sua participação no estudo, explicitando-se em que consistia e abordando-se a questão da confidencialidade dos dados (Anexo VI).

Como os menores não possuem competência legal nem ética para decidir a sua participação, foi enviado aos responsáveis legais o consentimento informado, onde se esclarecia o tema e objetivo do estudo, bem como os métodos de recolha de dados utilizados, se abordava a confidencialidade e anonimato das respostas e se informava acerca da possibilidade de ter acesso aos resultados da investigação (Anexo VII).

A recolha de dados iniciou-se em agosto de 2013. No início da aplicação do protocolo de investigação, davam-se algumas instruções, seguindo-se a aplicação dos instrumentos pela

seguinte ordem: questionário sociodemográfico, Escala de *Stress Infantil*, *Youth Self-Report* e *Children's Depression Inventory*.

Nos casos em que estavam presentes dificuldades na leitura dos questionários, o investigador leu os itens, mantendo o mesmo tom de voz, para minimizar a possibilidade de interferência na resposta.

O local de aplicação do protocolo foi o mais conveniente para o investigador e para o sujeito, desde que estivessem salvaguardadas diversas condições: aplicação individual, confidencialidade, ambiente calmo e existência de condições físicas.

No que concerne aos aspetos éticos, são muito importantes, uma vez que orientam a investigação e estabelecem limites (Ribeiro, 2007). As regras éticas têm como objetivo principal a proteção dos participantes (Feldman, 2001).

De acordo com o Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses (Ordem dos Psicólogos Portugueses [OPP], 2011), existem vários princípios específicos a ser respeitados, sendo os aplicáveis nesta investigação: “não causar danos, avaliação de potenciais riscos, participação voluntária, participação informada, capacidade de consentimento, anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos, esclarecimento pós-investigação, integridade científica, apresentação de resultados verdadeiros, crédito autoral de ideias e trabalho nos termos devidos”.

1.7. Análise Estatística

Após a recolha dos dados, procedeu-se à análise dos mesmos, utilizando-se o programa *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) for Windows*. As medidas de estatística descritiva a que recorremos foram, nomeadamente: frequências absolutas (n°) e relativas (%), medidas de tendência central tais como médias aritméticas (\bar{X}), moda (M_o) e medianas (M_d) e medidas de dispersão tais como o desvio padrão (σ), valor mínimo ($X_{mín.}$) e o valor máximo ($X_{máx.}$).

2. Resultados

Neste capítulo apresentaremos e analisaremos os resultados obtidos com os dados recolhidos, através da análise descritiva.

2.1. Análise Descritiva

- **Características sociodemográficas das crianças e adolescentes**

Neste subcapítulo, iniciaremos a apresentação e análise dos resultados do questionário sociodemográfico, verificando-se que as crianças apresentam uma idade média (\bar{X}) de 12,53 anos ($Mo=14,00$; $\sigma=1,176$), com um valor mínimo ($X_{mín.}$) de 11 anos e um valor máximo ($X_{máx.}$) de 14 anos (Tabela 1).

Tabela 1: Caracterização da Amostra face à Idade.

Idade	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{mín.}$)	Valor Máximo ($X_{máx.}$)	Não Respondeu	N
	12,53	12,00	14	1,176	11	14	0	40

A nossa amostra contou com 72,5% ($n = 29$) de crianças do sexo feminino e 27,5% ($n = 11$) de crianças do sexo masculino (Tabela 2). Em relação ao ano de escolaridade das crianças, observamos que 30,0% ($n = 12$) frequentam o 8º ano, que 27,5% ($n = 11$) frequentam o 7º ano e que 22,5% ($n = 9$) frequentam o 6º ano. Ou seja, 80% das crianças analisadas frequentam entre o 6º e o 8º ano de escolaridade. Quanto à nacionalidade, verificamos que todas as crianças ($n = 40$) são portuguesas (Tabela 2).

Tabela 2: Distribuição da Amostra face ao Sexo, Ano de Escolaridade e Nacionalidade.

Sexo	nº	%
Feminino	29	72,5
Masculino	11	27,5
Total	40	100,0
Ano de Escolaridade	nº	%
5º	1	2,5
6º	9	22,5
7º	11	27,5
8º	12	30,0
9º	5	12,5
10º	2	5,0
Total	40	100,0
Nacionalidade	nº	%
Portuguesa	40	100,0
Total	40	100,0

Pela análise da Tabela 3, concluímos que 72,5% (n = 29) das crianças afirmaram não ter irmãos, enquanto 25,0% (n = 10) afirmaram o contrário.

Tabela 3: Distribuição da Amostra face à Existência de Irmãos.

Existência de Irmãos	n°	%
Sim	10	25,0
Não	29	72,5
Não Respondeu	1	2,5
Total	40	100,0

Relativamente à idade dos irmãos das crianças inquiridas, verificamos que a idade média (\bar{X}) do 1º irmão é de 14,07 anos (Mo=18,00; $\sigma=7,367$), com um valor mínimo (Xmín.) de 2 anos e um valor máximo (Xmáx.) de 36 anos. Quanto ao 2º irmão, obteve-se uma média (\bar{X}) de 11,36 anos (Mo=5,00; $\sigma=8,140$), com um valor mínimo (Xmín.) de 1 ano e um valor máximo (Xmáx.) de 24 anos. Apenas uma criança afirmou ter um terceiro irmão, com 27 anos (Tabela 4).

Tabela 4: Caracterização da Amostra face à Idade do 1º, 2º e 3º Irmãos.

Idade	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo (X _{mín.})	Valor Máximo (X _{máx.})	Não Respondeu	N
1º Irmão	14,07	13,50	18	7,367	2	36	10	30
2º Irmão	11,36	9,00	5	8,140	1	24	29	11
3º Irmão	27,00	27,00	27	-	27	27	39	1

Na tabela 5, podemos observar as idades dos pais das crianças inquiridas. Assim, a idade média (\bar{X}) do pai é de 42,28 anos (Mo=44,00; $\sigma=6,733$), com um valor mínimo (Xmín.) de 30 anos e um valor máximo (Xmáx.) de 61 anos, enquanto a idade média (\bar{X}) da mãe é de 40,95 anos (Mo=40,00; $\sigma=5,607$), com um valor mínimo (Xmín.) de 30 anos e um valor máximo (Xmáx.) de 57 anos.

Tabela 5: Caracterização da Amostra face à Idade do Pai e da Mãe.

Idade	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo (X _{mín.})	Valor Máximo (X _{máx.})	Não Respondeu	N
Pai	42,28	43,50	44	6,733	30	61	0	40
Mãe	40,95	40,00	40	5,607	30	57	0	40

As habilitações literárias referentes ao progenitor do sexo masculino foram também analisadas, tendo-se verificado que 70,0% (n = 28) afirmou possuir o ensino secundário, enquanto 17,5% (n = 7) o ensino primário. Apenas 12,5% (n = 5) têm o ensino superior. Quanto à situação profissional, 50,0% (n = 20) referiram que trabalham por conta de outrem, 20% (n = 8) estão desempregados e a mesma percentagem são “patrões” (Tabela 6).

Tabela 6: Distribuição da Amostra face às Habilitações Literárias e Situação Profissional do Pai.

Habilitações Literárias	nº	%
Ensino Primário	7	17,5
Ensino Secundário	28	70,0
Ensino Superior	5	12,5
Total	40	100,0
Situação Profissional	nº	%
Desempregado	8	20,0
Trabalhador por conta própria	3	7,5
Patrão	8	20,0
Trabalhador por conta de outrem	20	50,0
Pensionista por invalidez	1	2,5
Total	40	100,0

A Tabela 7 permite-nos verificar as habilitações literárias da mãe. Desta forma, cerca de 67,5% (n = 27) das progenitoras do sexo feminino afirmam ter o ensino secundário e 22,5% (n = 9) o ensino superior. As restantes 10,0% (n = 4) possuem apenas o ensino primário. Quanto à situação profissional, observamos que 62,5% (n = 25) destas trabalham por conta de outrem, 20,0% (n = 8) encontram-se desempregadas e 10,0% (n = 4) são trabalhadoras por conta própria.

Tabela 7: Distribuição da Amostra face às Habilitações Literárias e Situação Profissional da Mãe.

Habilitações Literárias	nº	%
Ensino Primário	4	10,0
Ensino Secundário	27	67,5
Ensino Superior	9	22,5
Total	40	100,0
Situação Profissional	nº	%
Desempregado	8	20,0
Trabalhador por conta própria	4	10,0
Patrão	3	7,5
Trabalhador por conta de outrem	25	62,5
Pensionista por invalidez	0	0,0
Total	40	100,0

Em relação ao poder parental, verificamos que 92,5% (n = 37) das crianças estão com a mãe, sendo que as restantes 7,5% (n = 3) estão o pai. Para 42,5% (n = 17) das crianças a relação com o outro progenitor é boa. Igual percentagem se registou para a resposta “normal”. Apenas 5,0% (n = 2) referiu que essa relação é má. Face à questão “Com quem moras na maioria do tempo?”, 90,0% (n = 36) afirmaram ser com a mãe e 7,5% (n = 3) com o pai. Quanto ao tipo de família, registamos que a grande maioria, 80,0% (n = 32), é monoparental, enquanto as restantes 20,0% (n = 8) são reconstruídas (Tabela 8).

Tabela 8: Distribuição da Amostra face a “Quem detém o poder parental?”, “Qual a relação com o outro progenitor?”, “Com quem moras na maioria do tempo?” e “Tipo de família?”.

Quem detém o poder parental?		nº	%
Pai		3	7,5
Mãe		37	92,5
Total		40	100,0
Qual a relação com o outro progenitor?		nº	%
Boa		17	42,5
Má		2	5,0
“Normal”		17	42,5
Outra		4	10,0
Total		40	100,0
Com quem moras na maioria do tempo?		nº	%
Mãe		36	90,0
Pai		3	7,5
Não Respondeu		1	2,5
Total		40	100,0
Tipo de Família		nº	%
Monoparental		32	80,0
Reconstruída		8	20,0
Total		40	100,0

Relativamente ao tempo decorrido após o divórcio, verificamos uma média (\bar{X}) de 37,70 meses ($M_o=12,00$; $\sigma=31,127$), com um valor mínimo ($X_{mín.}$) de 6 meses e um valor máximo ($X_{máx.}$) de 120 meses (Tabela 9).

Tabela 9: Caracterização da Amostra face à Questão “Há quanto tempo ocorreu o divórcio dos seus pais?”

Tempo de divórcio (meses)	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (M_o)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{mín.}$)	Valor Máximo ($X_{máx.}$)	Não Respondeu	N
	37,70	23,00	12	31,127	6	120	0	40

Na tabela 10 são apresentadas e analisadas algumas questões como “*Como é que avalias o stress da família?*”, tendo 42,5% (n = 17) dado uma intensidade de “nem muito, nem pouco”. Igual percentagem referiu “muito pouco” e “pouco”. Apenas 15,0% (n = 6) referiram que existe “muito” *stress* na família. Relativamente à qualidade de vida da família, 47,5% (n = 19) das crianças afirmaram ser “boa”, enquanto 32,5% (n = 13) referiu “nem boa, nem má”. Apenas 2,5% (n = 1) mencionou ser “má”. Face à questão “*Como é que achas que a tua família se adapta, em geral, às dificuldades?*”, cerca de 55,0% (n = 22) das crianças afirmaram que “bem”, enquanto 20,0% (n = 8) afirmaram que “muito bem”. Apenas 7,0% (n = 3) afirmaram que a família se adapta, em geral, “mal” às dificuldades (Tabela 10).

Tabela 10: Distribuição da Amostra face às Questões “*Como é que avalias o stress da família?*”, “*Como é que avalias a qualidade de vida da família?*” e “*Como é que achas que a tua família se adapta, em geral, às dificuldades?*”.

Como é que avalias o stress da família?	nº	%
Muito Pouco	6	15,0
Pouco	11	27,5
Nem muito, nem pouco	17	42,5
Muito	6	15,0
Total	40	100,0
Como é que avalias a qualidade de vida da família?	nº	%
Muito Boa	7	17,5
Boa	19	47,5
Nem boa, nem má	13	32,5
Má	1	2,5
Total	40	100,0
Como é que achas que a tua família se adapta, em geral, às dificuldades?	nº	%
Muito Bem	8	20,0
Bem	22	55,0
Nem bem nem mal	7	17,5
Mal	3	7,0
Total	40	100,0

- **Stress das crianças e adolescentes**

Em relação à Escala de *Stress* Infantil (Tabela 11), e tendo em conta os valores balizados no processo de validação do instrumento, aplicado às crianças que participaram no estudo, constatamos que o nível médio de *stress* infantil é baixo, já que o valor da média obtido é de 1,62 ($\sigma=0,161$). O valor mínimo encontrado ($X_{mín.}$) foi de 1,00 (“nunca”) e o valor máximo ($X_{máx.}$) de 3,44 (“às vezes”/“quase sempre”).

A análise de cada uma das dimensões que constituem a escala permite-nos dizer que face à dimensão ‘Reações físicas’ a média obtida é de 1,43 ($\sigma=0,504$), sendo inferior ao valor médio (Md=1,11), o que indica um baixo nível de reações físicas. Para a dimensão ‘Reações psicológicas’ observamos que a média obtida é de 1,76 ($\sigma=0,554$), sendo inferior ao valor médio (Md=1,55), o que evidencia um baixo nível de reações psicológicas. Em relação à dimensão ‘Reações psicológicas com componente depressivo’, a média obtida é de 1,53, sendo também inferior ao valor médio para esta dimensão (Md=1,55) o que realça que as crianças e adolescentes participantes no estudo apresentam um nível moderado de reações psicológicas com componente depressiva. Finalmente para a dimensão ‘Reações psicofisiológicas’, a média obtida é de 1,74 ($\sigma=0,363$), sendo este valor inferior ao valor médio (Md=1,75), o que nos permite dizer que as crianças e adolescentes mostram um nível moderado, atendendo que é próximo do valor médio, de reações psicofisiológicas.

Tabela 11: Caracterização da amostra face à Escala de Stress Infantil (ESI).

Reações	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	Não Respondeu	N
Físicas	1,43	1,11	1,11	0,504	1,00	2,78	0	40
Psicológicas	1,76	1,55	1,44	0,554	1,11	3,44	0	40
Psicológicas com componente depressivo	1,53	1,55	1,56	0,432	1,00	2,67	0	40
Psicofisiológicas	1,74	1,75	1,75	0,363	1,13	2,63	0	40
TOTAL	1,62	1,49	1,47	0,168	1,00	3,44	0	40

- **Problemas de comportamento de crianças e adolescentes**

Em relação ao *Youth Self-Report* (Tabela 12), e tendo em conta os valores balizados no processo de validação do instrumento, aplicada aos jovens que participaram no estudo constatamos que o nível médio de autoavaliação é baixo, já que o valor de média obtido é de 0,47 ($\sigma=0,19$), pelo que podemos inferir que os jovens não percebem a existência de problemas: comportamento antissocial, problemas de atenção/hiperatividade, ansiedade/depressão, isolamento, queixas somáticas e problemas de pensamento. Este facto pode dever-se à incapacidade dos jovens para os detetar ou à sua inexistência. O valor mínimo encontrado ($X_{\min.}$) foi de 0,13 e o valor máximo ($X_{\max.}$) de 0,81.

Tabela 12: Caracterização da Amostra face ao Questionário de Auto Avaliação para Jovens (YSR).

Questionário de Auto Avaliação	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	Não Respondeu	N
	0,47	0,45	0,13	0,191	0,13	0,81	0	40

- **Sintomas depressivos**

Em relação ao Inventário de Depressão de Beck para Crianças (Tabela 13), e tendo em conta os valores balizados no processo de validação do instrumento, aplicada às crianças que participaram no estudo, constatamos que o nível médio de depressão é elevado, já que o valor de média obtido é de 1,90 ($\sigma=0,10$). O valor mínimo encontrado ($X_{\min.}$) foi de 1,65 e o valor máximo ($X_{\max.}$) de 2,15.

Tabela 13: Caracterização da Amostra face ao Inventário de Depressão de Beck para Crianças.

Inventário de Beck	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	Não Respondeu	N
	1,90	1,92	1,92	0,103	1,65	2,15	0	40

3. Discussão dos Resultados

No presente capítulo apresentamos a confrontação dos resultados obtidos na investigação com os resultados obtidos pelos autores que integram a revisão da literatura.

Iniciaremos a discussão de resultados pela caracterização sociodemográfica da amostra. Os participantes apresentam uma média de idades de 12,53 anos, sendo este valor semelhante ao encontrado por Martins (2010). Relativamente à escolaridade dos participantes no estudo, a maioria destes frequentam o 7º e 8º ano de escolaridade. No estudo de Martins (2010) a predominância de participantes corresponde ao 8º e 9º ano de escolaridade, sendo estes resultados semelhantes com os resultados encontrados no nosso estudo.

Os nossos resultados apontam que a maioria dos participantes não tem irmãos, o que vai de encontro ao estudo de Martins (2010), contudo, a idade destes não é referida em nenhum dos estudos analisados ao longo da revisão da literatura.

No nosso estudo temos uma predominância de participantes do sexo feminino, sendo que nos estudos de Martins (2010) e Moura e Matos (2008) isso não acontece, pois a percentagem de participantes era semelhante para ambos os sexos.

Na observação de dados da presente investigação, podemos verificar que a idade média da mãe é de 40,95 anos, com um valor mínimo de 30 anos, um valor máximo de 57 anos e um desvio-padrão de 5,6 anos. No estudo realizado por Vélez et al. (2011), a idade

média das mães era de 37,3 anos e o desvio padrão 4,8 anos, o que vai de encontro aos nossos resultados parcialmente.

Relativamente às habilitações literárias dos progenitores, neste estudo é possível verificar que a maioria possui o ensino secundário, o que não corresponde aos resultados obtidos por Moura e Matos (2008), em que perto de metade dos progenitores possuía apenas o 4º ano de escolaridade.

Face à situação profissional, a maioria dos progenitores do nosso estudo têm ocupação profissional, tal como no estudo de Martins (2010), embora neste não seja diferenciado o seu sexo.

Na observação dos dados do presente estudo, verificamos que em relação ao poder parental a maioria das crianças está a cargo da mãe e coabita com ela, o que vai ao encontro dos resultados obtidos por Martins (2010) e Moura e Matos (2008).

Verificámos que a maioria das crianças classifica a relação com o outro progenitor como “normal” ou “boa”. Apesar de esta questão não ser abordada noutros estudos, Moura e Matos (2008) apuraram que a maioria dos participantes estava com o outro progenitor raramente ou uma vez por semana, pelo que podemos inferir que não existia uma relação muito próxima, o que não vai de encontro aos nossos resultados. Por sua vez, Martins (2010) aferiu que a maioria dos participantes está com o outro progenitor sempre que quer, pelo que podemos concluir que a relação é de maior proximidade, tal como no nosso estudo.

Verificou-se através deste estudo que 80% dos participantes afirmam que a sua família é monoparental, enquanto os restantes 20% referiram ser reconstruída. Resultados semelhantes foram encontrados por Brito (2007), cuja maioria dos participantes referiu que coabitava apenas com o progenitor, o que designa de família monoparental.

Relativamente ao tempo que ocorreu o divórcio, verificamos que no nosso estudo o divórcio tinha ocorrido há pelo menos 6 meses e no máximo há 120 meses. No seu estudo, Moura e Matos (2008) encontraram valores entre os 12 e os 180 meses, o que não vai de encontro aos resultados encontrados neste estudo.

Com o presente estudo chegou-se à conclusão que a maioria das crianças considera ter uma boa qualidade de vida, o que vai de encontro aos estudos de Crosnoe e Elder (2004, conforme citado por Nunes-Costa, 2009) e Hagerty e Williams (2002), conforme citado por Nunes-Costa et al., 2009) que verificaram que com a separação os filhos tinham aumentado os seus níveis de bem-estar e saúde física, uma vez que os conflitos tinham diminuído.

No que concerne à adaptação da família às dificuldades, mais de metade das crianças consideram que a família se adapta bem. Tendo em conta que no nosso estudo, mais de

metade das crianças se encontra a cargo da mãe, pensamos que isso pode ser explicado pelos resultados de Vélez et al. (2011), que verificaram que as mudanças relacionais entre mães e filhos conduziam a aumentos na eficácia do *coping* tanto a curto como a longo prazo.

No nosso estudo, verificámos que a grande maioria dos participantes não considera existir muito *stress* na família. Além disso, pudemos concluir que o nível médio de *stress* infantil, obtido através da Escala de *Stress* Infantil, era baixo para a maioria dos participantes ($\bar{X}=1,62$), o que não vai ao encontro dos estudos analisados.

Kelly e Wallerstein (1977, conforme citado por DJC, 1997), verificaram que existia um elevado nível de *stress* nos filhos de pais divorciados, principalmente se fossem filhos únicos, o que não corrobora os nossos resultados, pois a maioria dos participantes referiu não ter irmãos.

Recorrendo a outros estudos, já mencionados na fundamentação teórica e referidos abaixo, podemos ainda encontrar explicações para os nossos resultados, pois existem fatores que são protetores do impacto do divórcio.

Verificámos que a maioria dos participantes referiu manter uma relação boa ou “normal” com o progenitor ausente, o que pode diminuir o *stress* vivenciado com o divórcio, tal como Charlish (2001), Kelly e Emery (2003), Féres-Carneiro (1998, conforme citado por Hack & Ramires, 2010), Johnson e Bradbury (1998, conforme citado por Serra, 2007), e Ramires (2004).

Constatámos ainda que a maioria dos progenitores com quem as crianças vivem têm emprego, o que pode influenciar positivamente a resistência ao *stress*, tal como é defendido pela análise de DJC (1997).

Segundo Kelly e Emery (2003), o nível de *stress* pode não ser muito elevado após o divórcio devido à diminuição do nível de conflito no quotidiano dos filhos de pais separados.

No nosso estudo analisámos ainda as várias dimensões que constituem a Escala de *Stress* Infantil. A primeira dimensão refere-se às ‘Reações físicas’. Os participantes apresentaram resultados baixos, contrariamente aos estudos de Ballard, Cummings e Larkin (1993), Riley, Finney, Mellits, Starfield, Kidwell, Quaskey et al. (1993), Rahkonen, Lahelma e Huuhka (1997), Luecken e Fabricius (2003) e Fabricius e Luecken (2007), todos citados por Nunes-Costa et al. (2009), que verificaram o aumento de problemas físicos e a procura de serviços de saúde por crianças filhas de pais divorciados.

Os resultados da dimensão ‘Reações psicológicas’ são baixos, apesar de apresentarem a maior média. Este valor não vai de encontro ao estudo Landsford, Malone, Castellino,

Dodge, Pettit e Bates (2006, conforme citado por Nunes-Costa et al., 2009), que constataram a existência de vários problemas psicológicos em filhos de pais divorciados.

Na terceira dimensão, denominada ‘Reações psicológicas com componente depressivo’, os resultados encontrados são moderados, o que é constatado pelo estudo de Vousoura et al. (2012) que verificaram que o divórcio tinha um impacto limitado no risco para desenvolver depressão, uma vez que essa patologia era influenciada por outros fatores, como por exemplo, características psicológicas dos familiares.

Por fim, a dimensão ‘Reações psicofisiológicas’ apresenta um valor próximo do valor médio, o que significa que o nível de *stress* é moderado, constituindo o valor mais elevado relativamente às quatro dimensões. Este resultado vai ao encontro do estudo realizado por Buchanan e Heiges (2001, conforme citado por Nunes-Costa et al., 2009), que verificaram que o conflito interparental provoca reatividade psicofisiológica nos filhos.

As discrepâncias entre o nosso estudo e outros no que se refere às dimensões do *stress*, podem ser explicadas pelos fatores protetores já referenciados acima.

No nosso estudo observámos a existência de um valor baixo na autoavaliação de diversos problemas de comportamento (antissocial, problemas de atenção/hiperatividade, ansiedade/depressão, isolamento, queixas somáticas e problemas de pensamento), obtido através do *Youth Self-Report*.

Este resultado não se encontra em conformidade com o estudo de Martins (2010), que concluiu que o divórcio tinha um impacto negativo, provocando os problemas de comportamento referenciados acima. Apesar de não serem significativos, os resultados indicaram que, num total de 13 participantes, sete encontravam-se num nível patológico.

O nosso resultado pode explicar-se pela incapacidade das crianças e adolescentes para detetar os problemas, talvez devido a serem mais novos do que os participantes do estudo de Martins (2010). Além disso, podem não existir realmente problemas, devido aos fatores protetores já referidos anteriormente.

No que concerne aos sintomas depressivos, avaliados através do Inventário de Depressão de Beck para Crianças, verificámos que os participantes apresentam um nível médio de depressão elevado.

Este resultado vai ao encontro do estudo de Hoyt, Cowen, Pedro-Carroll e Alpert-Gillis (1990) que verificaram que os filhos de pais divorciados obtinham resultados mais elevados nas medidas de depressão do que os filhos provenientes de famílias intactas.

Conclusão

Face aos resultados obtidos, e tendo em conta que o divórcio já tinha ocorrido no mínimo há seis meses, verificámos que a maioria das crianças e jovens considera que a família tem uma boa qualidade de vida e que é capaz de se adaptar bem às dificuldades. Além disso, constatámos que o grau de *stress* tanto da família como da criança em si é percecionado como baixo. Verificámos também que os jovens apresentam um valor baixo na autoavaliação de diversos problemas de comportamento. Por fim, concluímos que os filhos apresentam um nível médio de depressão elevado.

Estes resultados corroboraram outros estudos já realizados, uma vez que, apesar do divórcio acarretar consequências negativas, elas tendem a esbater-se ao longo do tempo, podendo esta situação de crise transformar-se numa oportunidade de crescimento e desenvolvimento da família, uma vez que o nível de *stress* tende a diminuir e o bem-estar tende a aumentar. Relativamente aos valores da depressão, é importante ressaltar que não existe uma relação linear entre esta patologia e o divórcio, pois existem vários fatores mediadores, como por exemplo a existência de psicopatologia nos progenitores.

O nosso estudo constituiu uma grande oportunidade de aprendizagem pessoal, pois permitiu-nos adquirir conhecimentos práticos e teóricos relacionados com a investigação. A nível teórico contribuiu para aprofundar as consequências de uma realidade cada vez mais presente na nossa sociedade, o divórcio.

Apesar de todos os esforços, este estudo apresenta algumas limitações. Relativamente à amostra, é de ressaltar que é pequena e que foi escolhida por conveniência, o que não permite conhecer quão representativa ela é da população geral. Além disso, os resultados foram obtidos através de uma única aplicação, não permitindo a comparação antes e após o divórcio, de forma a percecionar melhor o seu impacto.

Quanto às dificuldades sentidas na realização deste estudo, temos que sublinhar a aplicação do protocolo de investigação, pois nem sempre os horários das crianças e investigadores eram compatíveis, além de que foi um processo bastante moroso.

Pensamos que este é um tema bastante abrangente e cuja investigação deve ser sempre desenvolvida. Assim, no futuro este estudo poderia ser replicado, introduzindo-se um grupo de controlo. Outro aspeto importante seria a obtenção de resultados em dois momentos, antes e depois do divórcio, o que tornaria o estudo longitudinal.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares* (3.^a ed.). Coimbra: Editora Quarteto.
- Alferes, V. (1997). *Investigação científica em Psicologia. Teoria e prática*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Amato, P. (2000). The consequences of divorce for adults and children. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 1269-1287. doi: 10.1111/J1741-3737200001269
- Amato, P., & Cheadle, J. (2005). The long reach of divorce: Divorce and child well-being across three generations. *Journal of Marriage and Family* 67(1), 191-206. doi: 10.1111/j.0022-2445.2005.00014
- Amato, P., & Previti, D. (2003). People's reasons for divorcing: Gender, social class, the life course, and adjustment. *Journal of Family Issues*, 24(5), 602-626. doi: 10.1177/0192513X03254507
- Brazelton, T. (2006). *O grande livro da criança. O desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos* (9.^a ed.) (M. M. Peixoto, Trad.). Lisboa: Editora Presença. (Trabalho original em inglês publicado em 1992)
- Brazelton, T., & Sparrow, J. (2010). *A criança dos 3 aos 6 anos: O desenvolvimento emocional e do comportamento* (5.^a ed.) (S. S. Santos, Trad.). Lisboa: Editora Presença. (Trabalho original em inglês publicado em 2001)
- Brito, L. (2007). Família pós-divórcio: A visão dos filhos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27(1), 32-45. doi: 10.1590/S1414-98932007000100004
- Charlish, A. (2001). *Apanhados no meio. Ajudar as crianças a enfrentarem a separação e o divórcio* (M. Carvalho, Trad.). Porto: Editora Ambar. (Trabalho original em inglês publicado em 1997)

Cohen, G. (2002). Helping children and families deal with divorce and separation. *Pediatrics*, 110(5), 1019-1023. Acedido em 4, maio, 2013, em <http://pediatrics.aappublications.org/content/110/5/1019.full.pdf+html>

Cordeiro, M. (2009). *O grande livro do adolescente dos 10 aos 18 anos*. Lisboa: Esfera dos Livros.

Department of Justice Canada. (1997). *The effects of divorce on children. A selected literature review*. Acedido em 4, maio, 2013, em http://www.justice.gc.ca/eng/pi/rs/rep-rap/1998/wd98_2-dt98_2/wd98_2.pdf

Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. (1998). *Tipologia de áreas urbanas*. Acedido em 4, maio, 2013, em http://metaweb.ine.pt/sine/UInterfaces/SineClass_Vers.aspx

Feldman, R. (2001). *Compreender a psicologia* (5.^a ed.) (L. M. Neto, S. B. Santos, M. F. Perloiro, M. M. Azevedo, Trad.). Lisboa: McGraw-Hill. (Trabalho original em inglês publicado em 1999)

Fonseca, A., & Monteiro, C. (1999). Um inventário de problemas do comportamento para crianças e adolescentes: o Youth Self-Report de Achenbach. *Psychologica*, 21, 79-96.

Hack, S., & Ramires, V. (2010). Adolescência e divórcio parental: continuidades e ruturas dos relacionamentos. *Psicologia Clínica*, 22(1), 85-97. doi:10.1590/S0103-56652010000100006

Hetherington, E., & Stanley-Hagan, M. (1999). The adjustment of children with divorced parents: A risk and resiliency perspective. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40(1), 129–140. doi: 10.1111/1469-761000427.

Hines, M. (2007). Adolescent adjustment to the middle school transition: the intersection of divorce and gender in review. *Research in Middle Level Education Online*, 31(2), 1-15. Acedido em 4, maio, 2013, em <http://divorceinmiddleschool.wikispaces.com/file/detail/Adolescent%20Adjustment%20Journal.docx>

Hoyt, L., Cowen, E., Pedro-Carroll, J., & Alpert-Gillis, L. (1990). Anxiety and depression in young children of divorce. *Journal of Clinical Child Psychology*, 19(1), 26-32. doi: 10.1207/s15374424jccp1901_4

Instituto Nacional de Estatística. (2011). *Censos 2011*. Acedido em 4, maio, 2013, em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0000599&contexto=pi&selTab=tab0

Kelly, J., & Emery, R. (2003). Children's adjustment following divorce: Risk and resilience perspectives. *Family Relations*, 52, 352-362. doi:10.1111/j.1741-3729.2003.00352.x

Lamela, D. (2009). Desenvolvimento após o divórcio como estratégia de crescimento humano. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 19(1), 114-121. Acedido em 4, maio, 2013, em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbcdh/v19n1/12.pdf>

Lucarelli, M., & Lipp, M. (1999). Validação do inventário de sintomas de stress infantil – ISS-1. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12(001). doi:10.1590/S0102-79721999000100005

Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com a utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Silabo.

Martins, A. (2010). *Impacto do divórcio parental no comportamento dos filhos. Fatores que contribuem para uma melhor adaptação. Implicações médico-legais*. Tese de mestrado não publicada, apresentada à Universidade do Porto, Porto. Acedido em 4, maio, 2013, em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26364/2/Tese%20de%20Mestrado%20Ana%20Martins.pdf>

Marujo, H. (1995). *Síndromas depressivos na infância e na adolescência*. Dissertação de doutoramento não publicada. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Moura, O., & Matos, P. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes. *Psicologia*, 22(1), 127-152. Acedido em 4, maio, 2013, em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psi/v22n1/v22n1a06.pdf>

Nederhof, E., Belsky, J., Ormel, J., & Oldehinkel, A. (2012). Effects of divorce on dutch boys' and girls' externalizing behavior in gene x environment perspective: Diathesis stress or differential susceptibility in the dutch tracking adolescents' individual lives survey study? *Development and Psychopathology*, 24, 929-939. doi:10.1017/S0954579412000454

Nunes-Costa, R., Lamela, D., & Figueiredo, B. (2009). Adaptação psicossocial e saúde física em crianças de pais separados. *Jornal de Pediatria*, 85(5), 385-396. doi:10.1590/S0021-75572009000500004

Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2011). *Código Deontológico*. Lisboa: OPP.

Ramires, V. (2004). As transições familiares: a perspetiva de crianças e pré-adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 9(2), 183-193. doi: 10.1590/S1413-73722004000200005

Raposo, H., Figueiredo, B., Lamela, D., Nunes-Costa, R., Castro, M., & Prego, J. (2011). Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 38(1), 29-33. doi:10.1590/S0101-60832011000100007

Ribeiro, J. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Porto: Legis Editora.

Serra, A. (2007). *O stress na vida de todos os dias* (3.^a ed. rev.). Coimbra: Edição de Autor.

Slepoy, V. (2000). *As relações de família* (C. Rowland, Trad.). Lisboa: Editorial Presença. (Trabalho original em italiano publicado em 1997)

Simões, M. (1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional do teste das matrizes progressivas coloridas de Raven (M.P.R.C.)*. Dissertação de doutoramento não publicada, Universidade de Coimbra, Coimbra.

Simões, M. (1999). A depressão em crianças e adolescentes: Elementos para a sua avaliação e diagnóstico. *Psychologica*, 21, 27-64.

Souza, R. (2000). Depois que papai e mamãe se separaram: Um relato dos filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 203-211. doi:10.1590/S0102-37722000000300003

Souza, R., & Ramires, V. (2006). *Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças*. São Paulo: Summus.

Vélez, C., Wolchik, S., Tein, J., & Sandler, I. (2011). Protecting children from the consequences of divorce: A longitudinal study of the effects of parenting on children's coping processes. *Child Development*, 82(1), 244-257. doi: 10.1111/j.1467-8624.2010.01553

Vousoura, E., Verdeli, H., Warner, V., Wickramaratne, P., & Baily, C. (2012). Parental Divorce, Familial Risk for Depression, and Psychopathology in Offspring: A Three-Generation Study. *Journal of Child & Family Studies*, 21, 718-725. doi: 10.1007/s10826-011-9523-7

Anexos

Anexo I

Questionário Sociodemográfico

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1. Dados pessoais:

Idade: _____

Sexo: 1. feminino 2. masculino

Ano de escolaridade: _____

Nacionalidade: 1. portuguesa 2. outra: _____

Local de residência (indique apenas a terra/local): _____

Irmãos: 1. não 2. sim

Idade: ____ Hab. literárias/escolaridade: _____ Profissão principal: _____	Idade: ____ Hab. literárias/escolaridade: _____ Profissão principal: _____	Idade: ____ Hab. literárias/escolaridade: _____ Profissão principal: _____
--	--	--

2. Dados pessoais relativos ao pai:

Idade: _____

Habilitações literárias/Ano de escolaridade: _____

Profissão principal: _____

Situação na profissão:

1. desempregado 2. trabalhador por conta própria, sem assalariados 3. patrão
 4. trabalhador por conta de outrem 5. reformado 6. pensionista por invalidez

3. Dados pessoais relativos à mãe:

Idade: _____

Habilitações literárias/Ano de escolaridade: _____

Profissão principal: _____

Situação na profissão:

1. desempregado 2. trabalhador por conta própria, sem assalariados 3. patrão
 4. trabalhador por conta de outrem 5. reformado 6. pensionista por invalidez

4. Há quanto tempo (em meses) ocorreu o divórcio dos teus pais? _____

5. Quem detém o poder parental? 1. pai 2. mãe 3. outro: _____

6. Qual a relação com o outro progenitor?

1. boa 2. má 3. “normal” 4. outra: _____

7. Com quem moras na maioria do tempo?

1. mãe 2. pai 3. avós 4. outros: _____

8. ¹Tipo de família: 1. monoparental 2. reconstituída

9. Como é que avalias o *stress* da família?

Muito pouco					Muitíssimo
1	2	3	4	5	

10. Como é que avalias a qualidade de vida da família?

Muito boa					Muito má
1	2	3	4	5	

11. Como é que achas que a tua família se adapta, em geral, às dificuldades?

Muito bem					Muito Mal
1	2	3	4	5	

¹ A preencher posteriormente pelo investigador.

Anexo II

Escala de *Stress* Infantil

- Se NUNCA acontece, deixe em branco ⊕
- Se acontece UM POUCO, pinte UMA PARTE ⊕
- Se acontece ÀS VEZES, pinte DUAS PARTES ⊕
- Se acontece QUASE SEMPRE, pinte TRÊS PARTES ⊕
- Se SEMPRE acontece, pinte TODAS AS PARTES ●

6. Raspo um dente no outro fazendo barulho. ⊕
7. Fico nervoso com tudo. ⊕
8. Sinto aflição por dentro. ⊕
9. Tenho ficado tímido, envergonhado. ⊕
10. Eu me sinto triste. ⊕
11. Minhas mãos ficam suadas. ⊕
12. Tenho diarreia. ⊕
13. Sinto que tenho pouca energia para fazer as coisas. ⊕
14. De repente, passei a não gostar mais de estudar. ⊕
15. Tenho vontade de chorar. ⊕
16. Quando fico nervoso, gaguejo. ⊕
17. Quando fico nervoso, fico com vontade de vomitar. ⊕
18. Meu coração bate depressa, mesmo quando não corro ou pulo. ⊕
19. Minhas pernas e braços doem. ⊕
20. Tenho vontade de bater nos colegas, sem razão. ⊕

— Se NUNCA acontece, deixe em branco ⊕

— Se acontece UM POUCO, pinte UMA PARTE ⊕

— Se acontece ÀS VEZES, pinte DUAS PARTES ⊕

— Se acontece QUASE SEMPRE, pinte TRÊS PARTES ⊕

— Se SEMPRE acontece, pinte TODAS AS PARTES ●

21. Quando fico nervoso durante o dia, molho a cama à noite. ⊕
22. Tenho vontade de sumir da vida. ⊕
23. Tenho dificuldade para respirar. ⊕
24. Tenho dor de barriga. ⊕
25. Penso que sou feio, ruim, que não consigo aprender as coisas. ⊕
26. Tenho medo. ⊕
27. Tenho comido demais. ⊕
28. Não tenho vontade de fazer as coisas. ⊕
29. Tenho andado muito esquecido. ⊕
30. Tenho dificuldade de dormir. ⊕
31. Não tenho fome. ⊕
32. Brigo com minha família em casa. ⊕
33. Estou sempre resfriado, com dor de garganta. ⊕
34. Sinto muito sono. ⊕
35. Não tenho vontade nenhuma de me arrumar. ⊕

Escala de Stress Infantil – ESI

FOLHA DE APURAÇÃO

Marilda E. Novaes Lipp / Maria Diva Monteiro Lucarelli



© 1998, Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.

Nome:

Sexo: Idade: Escolaridade

Escola:

Reações Físicas		Reações Psicológicas		Reações Psicológicas c/ componente depressivo		Reações Psicofisiológicas	
Itens	Pontuação	Itens	Pontuação	Itens	Pontuação	Itens	Pontuação
2		4		13		1	
6		5		14		3	
12		7		20		9	
15		8		22		16	
17		10		25		18	
19		11		28		23	
21		26		29		27	
24		30		32		33	
34		31		35			
Total							

Conclusão

Psicólogo Responsável: _____

Anexo III

Youth Self-Report

**Questionário de Auto-Avaliação para Jovens
YSR 11-18 (© T. M. Achenbach, 2001)**

Copyright T.M. Achenbach. Reproduced under License #195-07-20-06

Tradução autorizada:

Miguel Gonçalves (U. Minho)

Pedro Dias & Bárbara César Machado (U. Católica Portuguesa)

Nome: _____

Data de Nascimento: __/__/____ Idade: ____anos

Sexo: Masculino Feminino Ano de Escolaridade : _____

Profissão do Pai (mesmo que actualmente não trabalhe): _____

Profissão da Mãe (mesmo que actualmente não trabalhe): _____

Data de Avaliação: __/__/____

Segue-se uma lista de frases que descrevem características de rapazes e raparigas. Lê cada uma delas e indica até que ponto elas descrevem a maneira como tu **és ou tens sido durante os últimos 6 meses:**

-Marca uma cruz (X) no 2 se a afirmação é MUITO VERDADEIRA ou é MUITAS VEZES VERDADEIRA;

-Marca uma cruz (X) no 1 se a afirmação é DE ALGUMA FORMA OU ALGUMAS VEZES VERDADEIRA;

-Se a descrição NÃO É VERDADEIRA, marca uma cruz (X) no 0.

Por favor, responde a todas as descrições o melhor que possas, mesmo que algumas pareçam não se aplicar exactamente.

SUBLINHA QUALQUER UMA QUE TE PREOCUPE

0= Não verdadeira

1= De alguma forma ou algumas vezes verdadeira

2= Muito verdadeira ou muitas vezes verdadeira

0	1	2	1	Comporto-me de uma maneira demasiado infantil para a minha idade
0	1	2	2	Consumo álcool sem o consentimento dos meus pais (descreve): _____
0	1	2	3	Discuto muito
0	1	2	4	Não consigo acabar as coisas que começo
0	1	2	5	Não há muitas coisas de que goste
0	1	2	6	Gosto de animais
0	1	2	7	Sou fanfarrão ou gabarola
0	1	2	8	Não consigo concentrar-me, não consigo estar atento(a) durante muito tempo
0	1	2	9	Não consigo afastar certas ideias do pensamento; obsessões ou cismas (descreve): _____
0	1	2	10	Não sou capaz de ficar sentado(a) sossegado(a) ou quieto(a)
0	1	2	11	Sou demasiado dependente dos adultos
0	1	2	12	Sinto-me só
0	1	2	13	Sinto-me confuso(a), desorientado(a) ou como se estivesse num nevoeiro
0	1	2	14	Choro muito
0	1	2	15	Sou muito honesto(a)
0	1	2	16	Sou mau para as outras pessoas
0	1	2	17	Sonho muitas vezes acordado(a)
0	1	2	18	Magoo-me de propósito ou já tentei matar-me
0	1	2	19	Tento que me dêem muita atenção
0	1	2	20	Destruo as minhas próprias coisas
0	1	2	21	Destruo coisas da minha família ou de colegas
0	1	2	22	Desobedeço aos meus pais
0	1	2	23	Sou desobediente na escola
0	1	2	24	Não como tão bem como devia
0	1	2	25	Não me dou bem com os outros jovens
0	1	2	26	Não me sinto culpado(a) depois de fazer alguma coisa que não devia
0	1	2	27	Tenho ciúmes dos outros ou sou invejoso(a)
0	1	2	28	Quebro as regras em casa, na escola ou noutros locais
0	1	2	29	Tenho medo de determinados animais, situações ou lugares, sem incluir a escola (descreve): _____
0	1	2	30	Tenho medo de ir para a escola
0	1	2	31	Tenho medo de pensar ou fazer qualquer coisa de mal
0	1	2	32	Sinto que tenho de ser perfeito(a)
0	1	2	33	Sinto que ninguém gosta de mim
0	1	2	34	Sinto que os outros andam atrás de mim para me apanharem; sinto-me perseguido(a)
0	1	2	35	Sinto-me sem valor ou inferior aos outros
0	1	2	36	Magoo-me muito em acidentes
0	1	2	37	Meto-me em muitas lutas/brigas
0	1	2	38	Fazem pouco de mim frequentemente
0	1	2	39	Ando com rapazes ou raparigas que se metem em sarilhos
0	1	2	40	Ouçoo sons ou vozes que não existem (descreve): _____
0	1	2	41	Ajo sem pensar; sou impulsivo(a)
0	1	2	42	Gosto mais de estar sozinho(a) do que acompanhado(a)
0	1	2	43	Minto ou faço batota
0	1	2	44	Roo as unhas
0	1	2	45	Sou nervoso(a), irritável ou tenso(a)
0	1	2	46	Tenho tiques ou movimentos nervosos nalgumas partes do corpo (descreve): _____
0	1	2	47	Tenho pesadelos
0	1	2	48	Os outros rapazes ou raparigas não gostam de mim
0	1	2	49	Sou capaz de fazer algumas coisas melhor do que a maior parte dos rapazes ou raparigas
0	1	2	50	Sou demasiado medroso(a) ou ansioso(a)
0	1	2	51	Tenho tonturas
0	1	2	52	Sinto-me demasiado culpado(a)
0	1	2	53	Como demais

0= Não verdadeira

1= De alguma forma ou algumas vezes verdadeira

2= Muito verdadeira ou muitas vezes verdadeira

0	1	2	54	Sinto-me excessivamente cansado(a)
0	1	2	55	Tenho peso a mais
			56	Tenho problemas físicos <u>sem causa médica conhecida</u> :
0	1	2	a	Dores (sem ser dores de cabeça ou de barriga)
0	1	2	b	Dores de cabeça
0	1	2	c	Náuseas, sinto-me enjoado(a)
0	1	2	d	Problemas com a vista (não incluindo problemas corrigidos por óculos ou lentes de contacto) (descreve): _____
0	1	2	e	Irritações de pele/borbulhas ou outros problemas de pele
0	1	2	f	Dores de estômago ou cólicas
0	1	2	g	Vômitos
0	1	2	h	Outros problemas (descreve-os): _____
0	1	2	57	Agrido fisicamente outras pessoas
0	1	2	58	Arranco coisas da pele ou de outras partes do corpo (descreve): _____
0	1	2	59	Posso ser muito amigável
0	1	2	60	Gosto de experimentar coisas ou situações novas
0	1	2	61	O meu trabalho escolar é fraco
0	1	2	62	Tenho fraca coordenação, sou desajeitado(a) ou desastrado(a)
0	1	2	63	Prefiro andar com rapazes ou raparigas mais velhos(as) do que eu
0	1	2	64	Prefiro andar com rapazes ou raparigas mais novos(as) do que eu
0	1	2	65	Recuso-me a falar
0	1	2	66	Repito várias vezes e com insistência as mesmas acções ou gestos; tenho compulsões (descreve): _____
0	1	2	67	Fujo de casa
0	1	2	68	Grito muito
0	1	2	69	Sou reservado(a), guardo as coisas para mim mesmo
0	1	2	70	Vejo coisas que mais ninguém parece ser capaz de ver (descreve): _____
0	1	2	71	Fico facilmente embaraçado(a) ou pouco à-vontade
0	1	2	72	Provoco fogos
0	1	2	73	Consgo trabalhar bem com as minhas mãos; faço bem trabalhos manuais
0	1	2	74	Gosto de me "exibir" ou de fazer palhaçadas
0	1	2	75	Sou envergonhado(a) ou tímido(a)
0	1	2	76	Durmo menos que a maior parte dos rapazes ou raparigas
0	1	2	77	Durmo mais do que a maior parte dos rapazes ou raparigas, durante o dia e/ou durante a noite (descreve): _____
0	1	2	78	Sou desatento(a), distraio-me facilmente
0	1	2	79	Tenho problemas de linguagem ou dificuldades de articulação das palavras (descreve): _____
0	1	2	80	Luto pelos meus direitos
0	1	2	81	Roubo coisas em casa
0	1	2	82	Roubo coisas fora de casa
0	1	2	83	Acumulo coisas de que não preciso (descreve): _____
0	1	2	84	Faço coisas que as outras pessoas acham estranhas (descreve): _____
0	1	2	85	Tenho pensamentos ou ideias que as outras pessoas acham estranhas (descreve): _____
0	1	2	86	Sou teimoso(a)
0	1	2	87	Tenho mudanças repentinas de disposição ou sentimentos
0	1	2	88	Gosto de estar com outras pessoas
0	1	2	89	Sou desconfiado(a)
0	1	2	90	Digo palavrões ou uso linguagem obscena
0	1	2	91	Penso em matar-me
0	1	2	92	Gosto de fazer rir os outros
0	1	2	93	Falo demasiado
0	1	2	94	Arrelio muito os outros

0= Não verdadeira

1= De alguma forma ou algumas vezes verdadeira

2= Muito verdadeira ou muitas vezes verdadeira

0	1	2	95	Tenho um temperamento exaltado
0	1	2	96	Penso demasiado em sexo
0	1	2	97	Ameaço magoar/ferir as pessoas
0	1	2	98	Gosto de ajudar os outros
0	1	2	99	Consumo tabaco
0	1	2	100	Tenho dificuldades em dormir (descreve): _____
0	1	2	101	Falto às aulas ou à escola
0	1	2	102	Não tenho muita energia
0	1	2	103	Sou infeliz, triste ou deprimido(a)
0	1	2	104	Falo mais alto que a maior parte dos rapazes e raparigas
0	1	2	105	Consumo drogas sem razões médicas (descreve): _____
0	1	2	106	Tento ser justo com os outros
0	1	2	107	Gosto de uma boa anedota
0	1	2	108	Gosto de viver tranquilamente, sem grandes preocupações
0	1	2	109	Procuro ajudar as outras pessoas sempre que posso
0	1	2	110	Desejava ser do sexo oposto
0	1	2	111	Evito envolver-me com os outros
0	1	2	112	Preocupo-me muito

Por favor, indica qualquer coisa que possa descrever os teus sentimentos, o teu comportamento ou os teus interesses:

I

Por favor enumera os desportos que mais gostas de praticar. Por exemplo: natação, futebol, patinagem, skate, andar de bicicleta, pesca, etc.

Tempo - Em comparação com outros rapazes ou raparigas da tua idade, passas aproximadamente quanto tempo a praticar cada um? (1 - Menos que a média, 2 - Médio, 3 - Mais que a média)

Competência - Em comparação com outros rapazes ou raparigas da tua idade, em que grau consegues sair-te bem em cada um (1 - Pior que a média, 2 - Médio, 3 - Melhor que a média)?

Não pratico nenhum desporto

Desportos	Tempo			Competência		
	Menos	Médio	Mais	Pior	Médio	Melhor
a.	1	2	3	1	2	3
b.	1	2	3	1	2	3
c.	1	2	3	1	2	3

II

Por favor enumera os teus passatempos, actividades e jogos favoritos que não sejam desporto. Por exemplo: selos, bonecas, livros, piano, trabalhos manuais, cantar, etc. (Não incluas ouvir rádio ou ver televisão).

Tempo - Em comparação com outros rapazes ou raparigas da tua idade, passas aproximadamente quanto tempo a praticar cada um? (1 - Menos que a média, 2 - Médio, 3 - Mais que a média).

Competência - Em comparação com outros rapazes ou raparigas da tua idade, em que grau consegues sair-te bem em cada um (1 - Pior que a média, 2 - Médio, 3 - Melhor que a média)?

Não faço nenhum passatempo, actividade ou jogo

Passatempos, actividades ou jogos	Tempo			Competência		
	Menos	Médio	Mais	Pior	Médio	Melhor
a.	1	2	3	1	2	3
b.	1	2	3	1	2	3
c.	1	2	3	1	2	3

III

Por favor enumera quaisquer organizações, clubes, equipas ou grupos a que pertenças.

Grau de actividade - Em comparação com outros rapazes ou raparigas da tua idade, em que grau és activo em cada um (1 - Menos activo, 2 - Médio, 3 - Mais activo)?

Não pertenço a nenhuma organização, clube ou grupo

Organização, clube ou grupo	Actividade		
	Menos	Médio	Mais
a.	1	2	3
b.	1	2	3
c.	1	2	3

IV

Por favor enumera quaisquer empregos ou tarefas que tenhas habitualmente. Por exemplo: dar explicações, tomar conta de crianças, fazer a cama, etc.

Grau de competência - Em comparação com outros rapazes ou raparigas da tua idade, em que grau consegues desempenhá-los bem (1 - Abaixo da média, 2 - Médio, 3 - Acima da média)?

Não faço nenhuma tarefa

Tarefas	Competência		
	Abaixo	Médio	Acima
a.	1	2	3
b.	1	2	3
c.	1	2	3

V

1. Tens aproximadamente quantos(as) amigos(as) íntimos(as)? (coloca uma cruz)

Nenhum amigo 1 amigo 2 ou 3 amigos 4 ou mais amigos

2. Aproximadamente quantas vezes por semana é que fazes alguma coisa com eles(as) (coloca uma cruz)?

Menos que 1 vez 1 ou 2 vezes 3 ou mais vezes

VI.

Em comparação com outros rapazes e raparigas da tua idade, até que ponto consegues relacionar-te com as seguintes pessoas? (Responde da seguinte forma: 1 - Pior, 2 - Próximo(a) da média, 3 - Melhor):

Não tenho irmãos

	Pior	Médio	Melhor
a. Consigo relacionar-me adequadamente com os meus irmãos e irmãs?	1	2	3
b. Consigo relacionar-me adequadamente com outros rapazes e raparigas?	1	2	3
c. Consigo comportar-me adequadamente em relação aos meus pais?	1	2	3
d. Consigo divertir-me e trabalhar sozinho?	1	2	3

VII

Relativamente a cada uma das disciplinas escolares da tabela, indica como têm sido os teus resultados a cada uma delas (0 - Maus resultados, 1 - Abaixo da média, 2 - Médio, 3 - Acima da média)

Disciplinas	Maus resultados	Abaixo da Média	Médio	Acima da Média
a. Português	0	1	2	3
b. Francês e/ou Inglês	0	1	2	3
c. Matemática	0	1	2	3
d. História	0	1	2	3

Outras disciplinas escolares - por exemplo: Físico-Química, Biologia, Geografia, Educação Visual.

Disciplinas	Maus resultados	Abaixo da Média	Médio	Acima da Média
e.	0	1	2	3
f.	0	1	2	3
g.	0	1	2	3

Tens alguma doença ou deficiência física? Não Sim

(Descreve-a, por favor _____)

Descreve qualquer preocupação que tenhas

Por favor, descreve o que tu tens de melhor

Anexo IV

Inventário da Depressão de Beck para Crianças

INVENTÁRIO DA DEPRESSÃO DE BECK PARA CRIANÇAS

Escolhe as frases que descrevem os teus pensamentos e sentimentos nas duas últimas semanas!

- 1 Eu fico triste de vez em quando.
 Eu fico triste muitas vezes.
 Eu fico triste o tempo todo.

- 2 Nunca nada vai correr bem comigo.
 Não tenho certeza se as coisas vão correr bem comigo.
 Vai correr tudo bem comigo.

- 3 Eu faço quase tudo certo.
 Eu faço muitas coisas mal.
 Eu faço tudo mal.

- 4 Eu divirto-me com muitas coisas.
 Eu divirto-me com algumas coisas.
 Não me divirto com nada.

- 5 Eu sou inútil o tempo todo.
 Eu sou inútil muitas vezes.
 Eu sou inútil uma vez ou outra.

- 6 Eu penso que coisas más poderão acontecer comigo uma vez ou outra.
 Eu fico preocupado que coisas más aconteçam comigo.
 Eu tenho a certeza que coisas horríveis vão acontecer comigo.

- 7 Eu detesto-me.
 Eu não gosto de mim.
 Eu gosto de mim.

- 8 Todas as coisas más acontecem por minha culpa.
 Muitas coisas más acontecem por minha culpa.
 As coisas más geralmente não acontecem por minha culpa.

- 9 Eu não penso em me matar.
 Eu penso em me matar mas não faria isso.
 Eu quero matar-me.

- 10 Tenho vontade de chorar todos os dias.
 Tenho vontade de chorar muitos dias.
 Tenho vontade de chorar uma vez ou outra.

- 11 Há sempre alguma coisa a aborrecer-me.
 Há coisas que me aborrecem muitas vezes.
 De vez em quando há coisas que me aborrecem.

- 12 Eu gosto de estar com outras pessoas.
 Muitas vezes não gosto de estar com outras pessoas.
 Eu não tenho vontade de estar com ninguém.

- 13 Eu não consigo decidir-me sobre nada.
 É difícil tomar decisões.
 Eu decido sobre as coisas facilmente.

- A minha aparência é boa.
- 14 Há algumas coisas que eu não gosto na minha aparência.
 Eu sou feio(a).
- Eu tenho sempre que me obrigar a fazer os meus trabalhos de casa.
- 15 Muitas vezes eu tenho que me obrigar a fazer os meus trabalhos de casa.
 Não tenho problemas para fazer os trabalhos de casa.
- Tenho dificuldade em dormir todas as noites.
- 16 Muitas vezes tenho dificuldade em dormir.
 Eu durmo bem.
- Fico cansado uma vez ou outra.
- 17 Fico cansado muitas vezes.
 Estou sempre cansado.
- Na maioria dos dias não me apetece comer.
- 18 Muitas vezes não me apetece comer.
 Eu como bem.
- Não me preocupo com dores.
- 19 Preocupo-me com dores muitas vezes.
 Preocupo-me sempre com dores.
- Eu não me sinto sozinho.
- 20 Muitas vezes sinto-me sozinho.
 Eu sinto-me sempre sozinho.
- Nunca me divirto na escola.
- 21 Só me divirto na escola de vez em quando.
 Divirto-me na escola muitas vezes.
- Eu tenho muitos amigos.
- 22 Eu tenho muitos amigos, mas queria ter mais.
 Eu não tenho amigos.
- As minhas notas estão boas.
- 23 As minhas notas não estão tão boas como estavam antes.
 Estou a ter más notas em disciplinas em que tinha boas notas.
- Nunca vou ser tão bom quanto os outros.
- 24 Se eu quiser posso ser tão bom quanto os outros.
 Sou tão bom quanto os outros.
- Ninguém gosta de mim de verdade.
- 25 Não tenho certeza se alguém gosta de mim.
 Tenho certeza que alguém gosta de mim.
- Geralmente faço o que me mandam fazer.
- 26 Geralmente não faço o que me mandam fazer.
 Eu nunca faço o que me mandam fazer.
- Eu dou-me bem com as pessoas.
- 27 Muitas vezes meto-me em brigas.
 Meto-me em brigas o tempo todo.

Anexo V

Pedidos de Autorização

Coimbra, 10 de maio de 2013

Exmas. Professoras Doutoradas Maria Diva Monteiro Lucarelli e Marilda E. Novaes Lipp,

Eu, Silmara dos Santos Rocha Bianchessi, psicóloga a realizar o Mestrado em Psicologia Clínica, Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica, no Instituto Superior Miguel Torga, venho por este meio solicitar a vossa autorização para a aplicação da Escala de *Stress* Infantil.

O estudo intitula-se “O impacto do divórcio nas crianças e adolescentes – Consequências Psicológicas” e tem como principal objetivo avaliar as consequências psicológicas do impacto do divórcio nas crianças e adolescentes, entre os 11 e os 14 anos.

Para a realização do presente estudo, utilizarei como métodos de colheita de dados um questionário sociodemográfico, a Escala de *Stress* Infantil, o Inventário de Problemas do Comportamento para Crianças e Adolescentes e o Inventário da Depressão de Beck para Crianças.

Agradeço a vossa compreensão e a vossa colaboração, na medida em que esta é indispensável para a concretização do estudo.

Atenciosamente,



(Silmara dos Santos Rocha Bianchessi)

Carolina Borges <c.borges@estresse.com.br> 28 mai (11 dias atrás)

para mim

Boa tarde Mara,

Como vai?

Ficamos muito contentes pelo seu interesse na temática!!

A Escala de *Stress* Infantil é um teste validado e comercializado pela Casa do Psicólogo. Para obter o teste, você pode entrar em contato direto com a Editora, que o comercializará mediante a apresentação do seu registro no conselho de classe.

Att,

Carolina Michaela - Psicóloga
Centro Psicológico de Controle do Stress - CPCS
Telefone: (11) 3288-0782
www.estresse.com.br
c.borges@estresse.com.br

Coimbra, 7 de junho de 2013

Exmo. Professor Pedro Dias,

Eu, Silmara dos Santos Rocha Bianchessi, psicóloga a realizar o Mestrado em Psicologia Clínica, Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica, no Instituto Superior Miguel Torga, venho por este meio solicitar a sua autorização para a aplicação do Inventário de Problemas do Comportamento para Crianças e Adolescentes de Achenbach.

O estudo intitula-se “O impacto do divórcio nas crianças e adolescentes – Consequências Psicológicas” e tem como principal objetivo avaliar as consequências psicológicas do impacto do divórcio nas crianças e adolescentes, entre os 11 e os 14 anos.

Para a realização do presente estudo, utilizarei como métodos de colheita de dados um questionário sociodemográfico, a Escala de *Stress* Infantil, o Inventário de Problemas do Comportamento para Crianças e Adolescentes e o Inventário da Depressão de Beck para Crianças.

Agradeço a sua compreensão e a sua colaboração, na medida em que esta é indispensável para a concretização do estudo.

Atenciosamente,



(Silmara dos Santos Rocha Bianchessi)

Coimbra, 10 de maio de 2013

Exma. Professora Doutora Helena Águeda Marujo,

Eu, Silmara dos Santos Rocha Bianchessi, psicóloga a realizar o Mestrado em Psicologia Clínica, Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica, no Instituto Superior Miguel Torga, venho por este meio solicitar a sua autorização para a aplicação do Inventário da Depressão de Beck para Crianças.

O estudo intitula-se “O impacto do divórcio nas crianças e adolescentes – Consequências Psicológicas” e tem como principal objetivo avaliar as consequências psicológicas do impacto do divórcio nas crianças e adolescentes, entre os 11 e os 14 anos.

Para a realização do presente estudo, utilizarei como métodos de colheita de dados um questionário sociodemográfico, a Escala de *Stress* Infantil, o Inventário de Problemas do Comportamento para Crianças e Adolescentes e o Inventário da Depressão de Beck para Crianças.

Agradeço a sua compreensão e a sua colaboração, na medida em que esta é indispensável para a concretização do estudo.

Atenciosamente,



(Silmara dos Santos Rocha Bianchessi)

hmarujo@iscsp.utl.pt 11 mai

para mim

Estimada Silmara,

agradeço o interesse na escala CDI que traduzi e adaptei para a população nacional. Tem naturalmente a minha autorização para a utilizar.

A escola está nos anexos da minha tese de Doutoramento intitulada Síndromes Depressivos na Infância e Adolescência, que se encontra na biblioteca da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, ou na Reitoria da mesma Universidade. Eu não tenho o instrumento informatizado para lhe poder enviar.

Votos de bom estudo, que sei será cuidadoso e exigente do ponto de vista ético e que terá utilidade real para os participantes.

Deixo-lhe as melhores saudações académicas.

Helena Agueda Marujo

Anexo VI

Autorização

AUTORIZAÇÃO

Queremos pedir-te a tua **autorização** para que participes neste estudo sobre as consequências psicológicas do divórcio nas crianças e adolescentes.

Se participares neste trabalho poderás fazer perguntas sobre ele a qualquer altura; damos-te a certeza de que o teu nome não vai ser revelado a ninguém; e podes pedir-nos, depois de acabarmos o estudo, os resultados finais.

“Compreendo o que aqui está escrito e sei que, nem os meus dados pessoais, nem as minhas respostas, serão revelados a outras pessoas. Posso colocar dúvidas sobre este estudo e, depois de estar realizado, pedir os resultados finais.”

(Ass. Participante)

(Ass. Investigador)

Data: ____/____/2013

Anexo VII

Consentimento Informado

CONSENTIMENTO INFORMADO

Exmo. Sr./Sra.,

O meu nome é Silmara dos Santos Rocha Bianchessi e estou a desenvolver um trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica, Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica, no Instituto Superior Miguel Torga, em Coimbra, subordinado ao tema “**O impacto do divórcio nas crianças e adolescentes**”. O objetivo deste estudo é avaliar as consequências psicológicas do divórcio nas crianças e adolescentes.

Neste sentido solicitamos a sua colaboração! São necessárias crianças e adolescentes para nos ajudarem nesta tarefa que consiste, simplesmente, no preenchimento de um questionário sociodemográfico, da Escala de *Stress* Infantil, do Inventário de Problemas do Comportamento para Crianças e Adolescentes e do Inventário da Depressão de Beck para Crianças.

Deste modo, pedimos-lhe a autorização para que seu filho/a participe neste estudo com a garantia de que todos os dados pessoais serão **confidenciais** e **anónimos**.

A sua colaboração, assim como a participação do seu filho/a nesta investigação, é de grande importância, pois permitirá desenvolver a compreensão deste tema para, posteriormente, promover mais estudos nesta área de investigação em Portugal.

Para mais informações sobre este estudo ou sobre algum assunto relacionado, poderá enviar um e-mail para:

Silmara Bianchessi: rocha .mara@gmail.com

Carolina Henriques: carolina.henriques@ipleiria.pt

Muito obrigado pela sua colaboração!

Este documento visa solicitar a sua autorização para a participação do seu filho/a na investigação de Mestrado em Psicologia Clínica, Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica, que tem como objetivo avaliar as consequências psicológicas do divórcio nas crianças e adolescentes. Deve, portanto, assinalar uma das duas possibilidades de resposta.

Este termo garante os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer momento, maiores esclarecimentos sobre a investigação; (2) sigilo absoluto sobre os dados pessoais fornecidos pelo seu filho/a; e (3) possibilidade de solicitar os resultados obtidos no término deste estudo.

“Eu, abaixo assinado, declaro estar ciente das informações que constam neste documento, e entendo que o meu educando será resguardado pelo sigilo absoluto dos seus dados pessoais e da sua participação na investigação. Poderei pedir, a qualquer momento, esclarecimentos sobre este estudo e solicitar os seus resultados finais depois de estar concluído.”

Autorizo a participação do meu educando.

Não autorizo a participação do meu educando.

(Assinatura do Encarregado de Educação)

Data: ____/____/2013